

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DEPARTAMENTO DE ARTE  
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

JÚLIA GOMES BONIN

**DO LIMÃO A *LEMONADE*: UMA JORNADA FEMINISTA NEGRA DE BEYONCÉ**

Niterói

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
DEPARTAMENTO DE ARTE  
BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

JÚLIA GOMES BONIN

**DO LIMÃO A *LEMONADE*: UMA JORNADA FEMINISTA NEGRA DE BEYONCÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal  
Fluminense como requisito parcial para a  
obtenção do grau Bacharel em Produção  
Cultural.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Ohana Boy Oliveira

Niterói  
2022



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO  
CULTURAL

## ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Aos vinte e cinco dias do mês de julho de 2022, às dezenove horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **“Do limão ao Lemonade: A jornada feminista negra de Beyoncé”**, apresentado por **Júlia Gomes Bonin**, matrícula 318033043, sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Ohana Boy Oliveira .

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Drª. Ohana Boy Oliveira

2º Membro: Me. Paolla de Santa Anna Moura

3º Membro: Me. Ana Luiza Monteiro Alves

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B7151	Bonin, Júlia Gomes Do Limão à Lemonade: Uma Jornada Feminista Negra de Beyoncé / Júlia Gomes Bonin ; Ohana Boy Oliveira, orientadora. Niterói, 2022. 60 f. : il.  Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.  1. Beyoncé. 2. Lemonade. 3. Feminismo Negro. 4. Cultura Pop. 5. Produção intelectual. I. Oliveira, Ohana Boy, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.  CDD -
-------	--

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



Dedico este trabalho às mulheres negras que vieram e lutaram antes de mim,  
especialmente minha mãe

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de começar agradecendo meus pais, por todo apoio e por nunca medirem esforços para me dar a melhor educação ao seu alcance. Obrigada por todas as oportunidades que vocês conseguiram me prover. Obrigada também por sempre respeitarem minhas escolhas mesmo sendo as mais loucas, como um intercâmbio na Lituânia. Eu amo muito vocês.

Agradeço também a todos os meus familiares que tiveram sempre orgulho de mim e sempre me apoiaram em todos os momentos dessa jornada acadêmica. Meu porto seguro.

Quero agradecer também, a minha gatinha Lola, mais que uma parceirinha para mim. Em todos os momentos que escrevi esse trabalho ela ficou deitada do meu lado me fazendo companhia, de certa forma ela entendia o que eu estava passando.

Gostaria de agradecer aos meus incríveis amigos da faculdade Luísa e Caio, que me ajudaram a atravessar esses quatro quase cinco anos de loucura. Com vocês a graduação foi muito mais divertida e menos insana.

Meus agradecimentos aos meus amigos do coração que me incentivaram muito, principalmente no feito desse trabalho, muito obrigada Felipe, Samara, Cathiane, João, Fabrício, Pedro, Juliana e todos os outros, vocês sabem quem são.

Agradeço também, a todos os meus amigos do intercâmbio, mesmo que não entendam nada do que está escrito aqui. Obrigada por serem minha família na maior aventura da minha vida e pelas melhores memórias de Vilnius. Ficarão para sempre no meu coração.

Agradeço todo o corpo docente de Produção Cultural, pois termino essa faculdade com a maior apreciação a cultura brasileira e ânsia de mudar esse país. Obrigada principalmente Marina por ter sido uma coordenadora incrível e por seu projeto sobre mulheres, Flávia Lages que me fez entender melhor a realidade do produtor cultural no período em que estamos, Luiz Augusto por também ser um ótimo coordenador e ensinar tanto sobre a importância de um gestor cultural.

À minha querida orientadora Ohana, eu nem tenho palavras para agradecer o que você fez por mim nesse um ano de jornada. Mesmo não nos conhecendo anteriormente, foi incrível nossa conexão e como temos tanto em comum. Você me ajudou principalmente fora do âmbito acadêmico, com seus textos e mensagens que

ajudaram a me entender como pessoa e pesquisadora. Minha eterna gratidão por você ter passado em minha vida.

Finalmente, obrigada bell hooks, que descansa em paz, por seus textos que me fizeram me entender melhor como mulher negra na sociedade. Espero que esse trabalho influencie outras mulheres negras a serem intelectuais negras também.

*“Vou continuar correndo*

*Pois um vencedor nunca desiste de si mesmo.”*

*(Beyoncé, 2016)*

## RESUMO

Beyoncé Giselle Knowles Carter é considerada por muitos entusiastas da cultura pop uma gênio da mídia e da música, uma performer de alto escalão e uma grande artista do seu tempo. Após o lançamento do álbum visual *Lemonade* em 2016, a cantora muda as perspectivas de sua carreira e finalmente “veste” sua identidade negra de maneira mais explícita. O intuito desse trabalho é analisar sua carreira em busca desse processo de construção e entender como chegou nesse momento de relevância para a cultura pop mundial, pautando questões relacionadas às mulheres negras. Uma das músicas de mais destaque do álbum, *Formation*, é considerado um hino à negritude e traz aspectos feministas e antirracistas relevantes que são analisados nesta monografia. Dentre as referências bibliográficas, Nilma Lino Gomes, bell hooks e Stuart Hall, entre outras autoras, nos ajudam a entender a construção dessa identidade cultural negra e qual é o papel do clipe *Formation* nesse processo.

Palavras-chave: Beyoncé, *Lemonade*, feminismo negro, cultura negra, identidade cultural.

## **ABSTRACT**

Beyoncé Giselle Knowles Carter is considered by many pop culture enthusiasts to be a media and music genius, a high-profile performer and a great artist of her time. After the release of the visual album *Lemonade* in 2016, the singer changes the perspectives of her career and finally “wears” her black identity in a more explicit way. The purpose of this work is to analyze her career in search of this construction process and understand how she arrived at this moment of relevance for world pop culture, guiding questions related to black women. One of the most prominent songs on the album, *Formation*, is considered an anthem to blackness and brings relevant feminist and anti-racist aspects that are analyzed in this monograph. Among the bibliographic references, Nilma Lino Gomes, bell hooks and Stuart Hall, among other authors, help us to understand the construction of this black cultural identity and the role of the *Formation* video in this process.

Keywords: Beyoncé, *Lemonade*, black feminism, black culture, cultural identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.BEYONCÉ: COMO CRIAMOS UMA ESTRELA</b> .....	13
1.1 Quem é Beyoncé?.....	13
1.1.1 Começo da carreira.....	13
1.1.2 <i>Destiny's Child</i> .....	14
1.1.3 Carreira solo.....	15
<b>2.SE A VIDA TE DER LIMÕES, FAÇA LEMONADE</b> .....	20
2.1 A receita da limonada.....	21
<b>3.IDENTIDADES CULTURAIS E SEUS AGENTES</b> .....	28
3.1 Como nos identificar?.....	28
3.2 Feminismo para quem?.....	33
3.3 Aqui se discute política sim!.....	34
<b>4.OKAY LADIES NOW LET'S GET IN FORMATION</b> .....	38
4.1 O dia que o mundo entrou em formação.....	38
4.2 Recepção dos espectadores.....	41
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48
<b>ANEXO</b> .....	51

## Introdução

Este trabalho apresenta fatos e comparações em escala analítica da carreira da artista Beyoncé nos quesitos antirracismo e feminismo, a partir do disco lançado em 2016, intitulado *Lemonade*. O que chamou a atenção desse trabalho na época, era sua forte crítica ao racismo sofrido pelos americanos afrodescendentes, especificamente as mulheres. Iremos analisar como foi abordada essas questões em produções antecedentes a este e como foi recebido pela crítica.

O intuito desta monografia é criar debates e análises em volta dos feitos da Beyoncé nessa era, trazendo discussões sobre raça e gênero, abordando a importância de diferenciar o feminismo negro do branco por questões de representatividade e as manifestações antirracistas presentes em suas obras.

Beyoncé Giselle Knowles-Carter nascida em Houston, no estado do Texas é uma cantora, compositora, dançarina e atriz mundialmente famosa, também conhecida como Beyoncé. Sua fama começou em 1997, quando era integrante do grupo de *R&B Destiny's Child*, chegando a vender mais de 50 milhões de álbuns. Em 2003, é o começo de sua carreira solo e a partir de então consagrou-se como uma das maiores artistas do universo pop. Ela acumula mais de 100 milhões de cópias de discos vendidos, sem contar com *Lemonade*, é a artista mais indicada e premiada do *Grammy Awards*, colecionando 66 indicações e 28 prêmios. *Lemonade* é o sexto álbum de estúdio da cantora Beyoncé, seu segundo álbum visual. Composto por 12 canções com videoclipe, que juntas formam um filme de 65 minutos, foi transmitido pela primeira vez na HBO e também estava disponível no Tidal.

Com este trabalho, procuro obter mais estudos em cima das questões políticas e sociais da mulher negra e do entretenimento. É uma forma de analisar como uma estrela do pop mundial se posiciona a partir de assuntos polêmicos e como isso pode influenciar outros artistas em ascensão. Atualmente, todo ato é político e a escolha de não se posicionar também é posicionamento. Há também a necessidade de se distinguir até quando o artista está exercendo essa militância porque se importa ou porque é benéfico para sua carreira como uma forma de marketing.

No primeiro capítulo, analisamos a carreira artística de Beyoncé. Como é para uma mulher negra se firmar artisticamente, passando por situações que posteriormente foram citadas no álbum de destaque do projeto. Evidenciamos



pontos cruciais na conversa com o álbum, e também levantamos alguns questionamentos sobre a tendência do racismo presente na indústria. Após esse disco, a cantora elevou seu discurso antirracista em outros trabalhos. A importância de pôr em questão o *Lemonade* e *Formation* é por ser o momento de transição do feminismo mais genérico em seu álbum autointitulado (Beyoncé, 2013), para um feminismo negro e que muitos acreditam falar sobre sua subjetividade. A revista Rolling Stone considera *Lemonade* como o maior álbum do século 21 e as discussões sobre ele continuam até hoje<sup>1</sup>, seu legado ainda perdura.

Subsequente, no segundo capítulo adentramos no *Lemonade* e explico faixa por faixa, sua complexidade e nuances. É um álbum completamente detalhado, que precisou de um capítulo inteiro para ser compreendido de maneira aprofundada.

No terceiro capítulo, venho com a ajuda de alguns autores entender como criamos nossas identidades, quem são seus agentes na mídia e qual “arma” eles usam para potencializar. Começo com o entendimento de identidade com Nilma Lino Gomes, que em seu texto contextualiza alguns termos raciais e venho com Stuart Hall entender identidade cultural e como isso é abordado na cultura popular. Entender quem está nos representando, de que forma eles fazem isso e como isso ajuda na hora de nos identificarmos na sociedade.

Também utilizo bell hooks como referência teórica, pois a autora também foi uma das maiores críticas ao objeto dessa pesquisa. bell, além de me ajudar a entender a cantora como agente midiático, também me força a criticar o que consumo. Com bell hooks, falamos sobre a importância do feminismo negro e como sempre devemos interseccionalizar raça, gênero e classe para entendermos nosso papel na luta pela libertação. Termino o terceiro capítulo com críticas ao que consumimos, à quem está nos representando e qual seu papel na mídia.

Todas essas teorias nos levam ao capítulo final, uma análise completa de *Formation*, tanto o clipe quanto a música, que resumem tudo o que se passou em *Lemonade*. É uma obra tão completa quanto o álbum, sendo analisado seu conteúdo mas também sua recepção do público em questão de seu teor político e atípico em relação a um posicionamento mais explícito. Inserimos no anexo algumas imagens significativas relacionadas ao álbum, ao clipe e à carreira de maneira geral.

---

<sup>1</sup> Após 6 anos de seu lançamento, foi sediada um evento na biblioteca pública de Nova Iorque para as artes cênicas para discutir o impacto do álbum na indústria e cultura americana.

O intuito final não é julgamento sobre o teor político e feminista negro do conteúdo da obra, mas entendê-lo em sua complexidade. O objetivo é fomentar discussões sobre obras que de certo modo revolucionaram e abriram caminhos para mais pessoas falarem sobre tais temáticas. Isso tudo sem deixar de criticá-lo, pois como foi ensinado por bell hooks devemos criticar tudo o que consumimos. Quero entender melhor o álbum e a música que me moveram e me fizeram ser vista. Na esperança de que crie maior espaço na universidade para debatermos sobre nossas vivências como mulheres negras, deixando de lado o espaço de objeto de estudo.

## 1. BEYONCÉ: COMO CRIAMOS UMA ESTRELA

### 1.1 Quem é Beyoncé?

#### 1.1.1 Começo da carreira

Beyoncé Giselle Knowles-Carter nascida em Houston em 4 de setembro de 1981, no estado do Texas (EUA) é uma cantora, compositora, dançarina e atriz mundialmente famosa, também conhecida como Beyoncé. Filha de Mathew Knowles e Celestine Lawson, um vendedor e uma cabeleireira respectivamente, e também irmã mais velha da atriz e cantora Solange Knowles. Casada com o rapper e empresário Shawn Corey Carter, mais conhecido como Jay-Z, é mãe de três filhos: Blue Ivy, Rumi e Sir.

Sua notoriedade foi identificada bem cedo<sup>2</sup>, especificamente aos 7 anos quando fazia aulas de balé. Certo dia, sua professora estava cantarolando em uma das aulas quando Beyoncé resolveu se juntar e espantou a professora com seus alcances vocais. No mesmo momento, indicaram aos seus pais para investirem em aulas de canto. Logo após, ganhou seu primeiro show de talentos cantando *Imagine* do John Lennon, mesmo concorrendo com garotas bem mais velhas que ela. Em 1990, ela frequentou a Parker Music Elementary School, onde cantou com o coral.

Quando tinha seus 9 anos, Beyoncé se juntou a sua amiga LaTavia Roberson e outras garotas para formar o grupo feminino *Girl's Tyme*, que continha seis participantes. Dentre elas estava Kelly Rowland, amiga de longo tempo da Beyoncé, que na época tinha acabado de se mudar para Houston e possuía uma relação conturbada com a mãe, fazendo com que Kelly se mudasse para a casa dos Knowles em prol do grupo.

Vendo o potencial do grupo em suas mãos, Matthew Knowles decide abandonar seu emprego para se tornar empresário das meninas. Como os ensaios eram em sua casa, o Sr. Knowles acompanhava de perto o desempenho de todas e comentava a performance das mesmas. Esse é um ponto importante de se tocar pois é onde começa a conversa com o álbum *Lemonade* (em português, *Limonada*) acerca da questão paterna na vida de Beyoncé. Desde os tempos de *Girl's Tyme*,

---

<sup>2</sup> BEYONCÉ: do início com Destiny's Child ao estrelato e a união com Jay-Z. [S. l.], 21 jun. 2013.

Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/diversao/musica/beyonce-do-inicio-com-destinys-child-ao-estrelato-e-a-uniao-com-jay-z,5d7321293476f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16 maio 2022.

COMO BEYONCÉ SE TORNOU UMA DAS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO | Foquinha FBI. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=1So7ULptmwg&t=2300s&ab\\_channel=Foquinha](https://www.youtube.com/watch?v=1So7ULptmwg&t=2300s&ab_channel=Foquinha)>. Acesso em: 8 abr. 2022.

Matthew é conhecido por sua rigidez e exigência, algo que acompanhou a cantora por muito tempo.

### 1.1.2 *Destiny's Child*

O grupo fez sua estreia na televisão estadunidense a partir do renomado show de talentos, *Star Search*. O grupo não foi tão bem e perderam o concurso para um grupo masculino branco bem mais velho que elas; a gravação do mesmo está presente no começo e no fim do videoclipe de *\*\*\*Flawless*.<sup>3</sup> Um tempo depois, algumas integrantes decidiram sair, o que deu espaço para LeToya Luckett entrar. Então, em 1993 o *girlgroup* muda seu nome para *Destiny's Child* (em português, *Filhas do Destino*) e já em 1996 assinam seu primeiro contrato com a Columbia Records, após dois anos elas lançam seu primeiro álbum autointitulado *Destiny's Child* com o single *No, No, No*, o disco vendeu mais de um milhão de cópias pelos Estados Unidos.

Em 1999, o grupo lançou seu segundo álbum *Writings on the Wall* (em português, *Escritas na parede*) que foi um grande sucesso. Foi o começo de suas letras empoderadoras como vista no single *bills, bills, bills* (em português *Contas, Contas, Contas*). Foi o grande álbum que consolidou o grupo de vez, ao ganharem Grammys por suas gravações e assim as tornando fenômeno mundial. Porém, como todo outro grupo na época, o *Destiny's Child* também tinha suas polêmicas.

O grupo foi marcado por constantes mudanças em sua formação, tendo em vista desentendimentos tanto com Beyoncé mas também com Matthew Knowles e sua conduta empresarial. No ano 2000, finalmente chega a formação mais conhecida do grupo que compõe a presença de Beyoncé, Kelly Rowland e Michelle Williams. O que marcou a era também foram os boatos de carreira solo de Beyoncé por causa de seu destaque fora do grupo.

Mesmo com toda polêmica, *Destiny's Child* se consolidava cada vez mais, tanto que em 2001 lançam seu álbum *Survivor*<sup>4</sup> (em português, *Sobrevivente*) que continha singles como *Bootylicious* (em português, *Bundeliciosa*) e *Independent*

---

<sup>3</sup> Videoclipe do álbum visual *BEYONCÉ*. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=lyuUWOnS9BY&ab\\_channel=Beyonc%C3%A9VEVO](https://www.youtube.com/watch?v=lyuUWOnS9BY&ab_channel=Beyonc%C3%A9VEVO)>

<sup>4</sup> Nome faz alusão ao *reality show Survivor* (Sobrevivente) em quem não aguentava pedia pra sair. Algo que a crítica comparou com o grupo e suas constantes mudanças de integrantes e as sobreviventes.

women pt. 1<sup>5</sup> (em português, *Mulheres independentes*), a segunda fazendo parte da trilha sonora do filme *As Panteras*. Foi o disco que Beyoncé tomou mais partido criativo sendo creditada como compositora e produtora de grande parte das faixas, o álbum foi grande sucesso com mais de 10 milhões de cópias vendidas mundialmente. Nesta mesma época, começaram os rumores de um relacionamento entre Beyoncé e Jay-Z, ambos se conheceram nas gravações da parceria 03' *Bonnie & Clyde*, música do rapper lançada em 2002.

Após o lançamento de seu álbum natalino, *8 Days of Christmas*, o grupo confirmou um hiato para focar nas carreiras solo. Esses projetos tinham o intuito de desenvolver uma fã base maior e mais consolidada para o grupo. Para não competir com suas parceiras de banda e rebater as críticas de que era líder de grupo, Beyoncé fez sua estreia por último em 2003, com seu primeiro álbum solo *Dangerously in love* (em português, *Apaixonada Perigosamente*).

### 1.1.3 Carreira solo

Sua carreira solo começou com grande impacto, com o lançamento de *Dangerously in Love* em junho de 2003. O álbum foi aclamado pela crítica, teve sua estreia em primeiro lugar na Billboard 200<sup>6</sup> e vendeu 317 mil cópias na semana de seu lançamento. No Grammy de 2004, foi premiada com 5 gramofones, sendo a mulher mais premiada da noite. Foi também em 2004 que Beyoncé e Jay-Z fizeram sua primeira aparição como casal num tapete vermelho.

Já em 2006, Beyoncé se prepara para se despedir de *Destiny's Child*, tendo em vista o quão maior ficou em relação ao seu próprio grupo. No seu aniversário de 25 anos, ela lança o disco *B'Day*. A cantora traz nas letras algumas falas de empoderamento feminino, algo que não é a primeira vez que ela utiliza como vimos anteriormente, esse tema será abordado posteriormente em desenvolvimento com questões raciais e femininas presentes na mídia. Notamos esse viés empoderador principalmente em *Irreplaceable* (em português, *Insubstituível*) e *Freakum Dress* (em português, *Vestido Arrasador*), músicas que ressaltam o poder feminino seja através da estética ou do livramento de relacionamentos ruins. Ela levou essa questão para além do álbum quando saiu em turnê com a The Beyoncé Experience Live, onde sua

---

<sup>5</sup> Começo de uma notoriedade feminista em sua letra e no contexto do filme que foi incluído, falaremos desse aspecto no próximo capítulo.

<sup>6</sup> Billboard 200 é a lista classificatória, dizendo quais são os 200 álbuns e EP mais populares da semana nos Estados Unidos.

banda era formada inteiramente por mulheres, as *Suga Mamas*<sup>7</sup>. Ela levou o Grammy de melhor álbum *R&B* Contemporâneo em 2007.

Surpreendendo a todos, em 4 de abril de 2008, Beyoncé e Jay-Z se casaram numa cerimônia reservada, que até hoje possui pouquíssimos registros publicados apenas pelos mesmos em seu site oficial. E assim, em 18 de novembro de 2008, Beyoncé lança seu terceiro álbum de estúdio o *I Am...Sasha Fierce*, introduzindo ao público seu *alter ego* Sasha Fierce<sup>8</sup>. Sasha Fierce era a versão dos palcos de Beyoncé, como diz em seu nome, feroz, forte e sexy, diferente de sua persona na vida real. O disco contém o carro-chefe *Single Ladies (Put a Ring On It)*, considerado a música do ano, sendo o começo de músicas virais com todo mundo, inclusive famosos, replicando o videoclipe. No ano de 2009, Queen B levou Clipe do Ano no Video Music Awards (MTV), música do ano no Grammy e ela também foi considerada a mulher do ano pela revista Billboard. Nesse mesmo ano, ela bateu seu próprio recorde de artista feminina mais premiada numa noite de grammy, levando 6 estatuetas.

Os anos de 2010 e 2011 foram um pouco conturbados para a cantora, começando com rumores de uma gravidez após o anúncio de uma pausa na carreira. Beyoncé admitiu que esteve grávida sim, porém perdeu em um aborto espontâneo. Enquanto isso, seu pai se torna centro de polêmicas ao ser acusado de roubar os lucros da turnê de seu último álbum e também a descoberta por Tina Knowles de uma traição e até um filho fora do casamento, mais um ponto a ser revisitado lá na frente. Em 28 de março de 2011, foi revelado que a carreira de Beyoncé não seria mais dirigida por seu pai, Mathew Knowles, que era seu empresário desde a formação do Destiny's Child. Isso fez com que Beyoncé estimulasse seu lado empresária ao criar a Parkwood Entertainment<sup>9</sup>, sua própria agência, crescendo seu império.

Seu quarto disco de estúdio, denominado *4*, foi lançado em 24 de junho de 2011 e também debutou em primeiro lugar na Billboard 200. Leva o nome de seu número da sorte e também foi o primeiro feito sem seu pai gerenciando sua carreira artística. Mais empoderadora que nunca, Beyoncé lança o single *Run the World*

---

<sup>7</sup> Também participaram do clipe *Irreplaceable*.

<sup>8</sup> Interessante chamar atenção para esse fato, pois como mulher negra, antes de abraçar abertamente seu feminismo, a cantora adota formas de separar seu lado mais respeitável de seu lado sexy. Isso tem em vista o racismo na indústria, no qual a mulher negra não possui o privilégio de expressar-se sexualmente sem ter que “pagar caro” por isso.

<sup>9</sup> Empresa de gestão e entretenimento. <https://www.beyonce.com/>

(*Girls*), abrindo mais as portas para esse discurso conforme sua carreira vai se tornando grandiosa. Durante sua apresentação de *Love on Top* no VMA de 2011, a cantora revela ao mundo sua gravidez chocando a todos. Foi também um período conturbado por conta de rumores<sup>10</sup> de ser uma gravidez falsa, pois em uma entrevista a uma emissora de televisão, ao se sentar parecia que a barriga de Beyoncé tinha “dobrado”. Ela respondeu os rumores como falsos e ridículos e em seu documentário *Life is but a Dream* tem filmagem caseira dela mostrando sua barriga.

Então chegamos em 2013, Beyoncé é anunciada como a estrela do Show do intervalo no *Super Bowl XLVII*. Um dos maiores prestígios para os artistas estadunidenses, um marco na carreira. Foi um show aclamado criticamente, contendo participação especial das ex-colegas de grupo Kelly Rowland e Michelle Williams. O show foi o sexto mais assistido de toda sua história.

Na madrugada de 13 de dezembro de 2013, o mundo recebeu em primeira mão um álbum impactante que redefiniu a forma como a música é feita nos últimos tempos. Atualmente, BEYONCÉ continua sendo uma receita para a indústria e é uma das maiores conquistas da carreira de Beyoncé. Foi um lançamento surpresa, sem divulgação, com acesso restrito somente a quem o comprasse inteiramente no Itunes (Apple). A surpresa também vinha da parte visual do álbum, pois todas as 14 faixas possuíam um videoclipe. Mais um álbum e mais um recorde para a artista estadunidense, o álbum vendeu 800 mil cópias mundiais em um final de semana e entrou para o Guinness como disco que mais vendeu cópias no Itunes em menos tempo.

Depois de anos com mensagens empoderadoras, voltadas às mulheres e sua autoconfiança, é com o BEYONCÉ que a cantora “admite” ser feminista. Esse foi um álbum voltado para o feminismo em forma de libertação sexual, onde ela fala explicitamente sobre seus prazeres sexuais e que mesmo depois de uma gravidez, mães também podem ser sensuais. Em \*\*\*Flawless há um trecho do TED X da

---

<sup>10</sup> DEFORMAÇÃO na barriga de Beyoncé levanta suspeita de falsa gravidez. [S. l.], 11 out. 2011.

Disponível em:

<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2011/10/11/interna\\_diversao\\_arte,273494/deformacao-na-barriga-de-beyonce-levanta-suspeita-de-falsa-gravidez.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2011/10/11/interna_diversao_arte,273494/deformacao-na-barriga-de-beyonce-levanta-suspeita-de-falsa-gravidez.shtml)> Acesso em: 16 maio 2022.

autora feminista Chimamanda Ngozi Adichie com o que seria o conceito de feminismo<sup>11</sup>.

É evidente o impacto desse disco na indústria musical, porém todos esses feitos possuem uma abordagem diferente quando se é uma mulher preta. Mesmo depois de todo esse sucesso, no Grammy de 2015, Beyoncé foi indicada 6 vezes, incluindo álbum do ano, o que foi considerado por muitos outros veículos de informação naquele ano, porém perdeu para o cantor Beck. Foi um choque para todos, até mesmo o Beck acreditava que ela ganharia. Isso é apenas mais uma prova do viés racista que é essa indústria.

Nessa mesma era, começamos a conversa com outro ponto de conexão com o álbum *Lemonade*: traição. Em 2014 depois do MET Gala<sup>12</sup>, saiu na imprensa um vídeo de Solange batendo no Jay-Z dentro de um elevador com a Beyoncé do lado. Todos estranharam essa atitude da irmã da cantora, até os rumores de uma possível traição do Jay-Z virem à tona. Então começam as especulações sobre um casamento em desabamento.

Após esses eventos, fomos apresentados ao *Lemonade*, que será discutido profundamente nas próximas páginas. Depois de um álbum que denunciava uma traição e suas sequelas, Beyoncé e Jay-Z lançam juntos o *Everything is Love*, sob o nome de The Carters, o álbum exalta o amor negro em todas as formas. Possui o clipe de Apeshit, gravado no Museu do Louvre, celebrando a arte negra que não chega nesses lugares elitizados.

Em 2018, a cantora foi a atração principal do Coachella<sup>13</sup>, a primeira mulher negra a realizar tal feito. Foi considerada uma atração histórica, com elementos referenciando a cultura negra, uma banda marcial ao vivo e 100 dançarinos que homenageavam as universidades historicamente negras dos EUA. O *show* rendeu um documentário da Netflix lançado em 2019, chamado *Homecoming* mostrando os bastidores do espetáculo de forma mais íntima.

*Everything is Love* foi um álbum que descredibiliza qualquer rumor de separação entre o casal, e, na verdade, eles estavam melhor que nunca. Em 2019,

---

<sup>11</sup> \*\*\**Flawless* Disponível em  
<[https://www.youtube.com/watch?v=lyuUWOnS9BY&ab\\_channel=Beyonc%C3%A9VEVO](https://www.youtube.com/watch?v=lyuUWOnS9BY&ab_channel=Beyonc%C3%A9VEVO)>  
Acesso em: 8 abril 2022

<sup>12</sup> É uma gala anual de angariação de fundos para o benefício do Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque, que conta com a presença de celebridades do mundo da moda, música, cinema, esporte e entretenimento em geral.

<sup>13</sup> Evento anual de música e arte durante três dias, realizado no deserto da Califórnia.



Beyoncé é convocada pelos estúdios Disney para dublar a leoa Nala, para o *live-action* de Rei Leão. O que resultou na produção de *Black is King* um filme musical, com clipe de todas as músicas da trilha sonora que contam a história de um príncipe africano.

Percebe-se uma transformação no teor político e de exaltação a negritude em seu trabalho. Com um álbum afrofuturista<sup>14</sup> que celebra a África na totalidade, Beyoncé ainda inclui sua filha nas produções rendendo-lhe um gramofone. Contudo, em 2020 o mundo é impactado com a morte de George Floyd<sup>15</sup>, por conta de racismo. A cantora então lança *Black Parade* uma música em protesto a brutalidade policial, seus lucros foram revertidos para uma instituição que apoia pequenas empresas de pessoas negras.

Beyoncé também se destacou como empresária, com sua marca *Ivy Park*, que celebra vários corpos e depois de sua parceria com a empresa Adidas, cada lançamento era recorde de venda. Também obteve destaque no mundo do cinema com a música *Be Alive* para o filme *King Richard*, longa-metragem que conta a história de Serena e Venus Williams, com indicação ao Oscar de Melhor Canção Original.

Após essa breve trajetória profissional e pessoal da artista, destacando determinados pontos que interessam para nossa análise, iremos detalhar mais especificamente nosso objeto de estudo, o álbum visual *Lemonade*, lançado em 23 de abril de 2016.

---

<sup>14</sup> Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história. Veja mais em:

<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>> Acesso em: 27 jul. 2022

<sup>15</sup> Um homem afro-americano, morto estrangulado por um policial branco que ajoelhou-se em seu pescoço, após acusações de Floyd usar uma nota falsa de 20 dólares.

## 2. SE A VIDA TE DER LIMÕES, FAÇA *LEMONADE*

*Lemonade* é o sexto álbum de estúdio da cantora Beyoncé, seu segundo álbum visual. Composto por 12 canções com videoclipes, que juntas formam um filme de 65 minutos, foi divulgado e transmitido pela primeira vez na HBO e também estava disponível no Tidal, serviço de streaming de música criado por seu marido, o rapper e empresário Jay-Z. A produção do disco era voltado para a exaltação do poder negro, com a narrativa da mulher negra traída e seu percurso entre a solidão, a recuperação de seu casamento e sua autoafirmação, levando ao público afrodescendente formas de autoconhecimento e amor.

É um disco com muitas camadas, que percorremos durante este trabalho. Segundo a narrativa do álbum, Beyoncé pegou a dor de sua família e usou a arte para curar tanto ela quanto outras famílias com histórias parecidas. *Lemonade* é complexo e precisa de grande atenção para entendê-lo em seus detalhes, é algo que se perpetua além da época em que foi lançado, contendo elementos de rock, hip-hop, R&B e electro-soul. Beyoncé está se tornando mais aberta e pessoal. E como em seu trabalho anterior, ela o faz em seus próprios termos, abraçando a liberdade criativa que nem todos os artistas pessoas têm nesse meio da indústria fonográfica. É também sobre questão monetária e como a cantora está cada vez mais em controle, tendo em vista que você só conseguia escutar o álbum no *streaming* de seu marido (Tidal) ou comprando no Itunes.

Vemos 3 contextos de Beyoncé durante o disco, a mulher negra, a filha de um homem negro e a esposa traída de um homem negro, que estão detalhados a seguir. Então, Beyoncé desenvolveria o lado conceitual do álbum, que abrange muitos pontos artísticos e históricos, constrói uma trama fascinante e, de certa forma, vivida por muitas. Estruturalmente, o álbum é dividido em 12 capítulos, cada um com uma música chave. Dos 12 capítulos, 11 correspondem a um poema específico de Warsan Shire, escritora, poeta e editora somali nascida no Quênia e criada em Londres. O capítulo final, por sua vez, trata do epílogo da “peça” e apresenta a faixa carro-chefe do álbum "Formation".

## 2.1. A receita da Limonada

### Capítulo 1: Intuição - Música *Pray you catch me*

Neste primeiro capítulo somos apresentados a maldição da traição que tem atrelado as descendentes da personagem principal, interpretada por Beyoncé. Esse tema é iniciado em dois lugares principais, o Forte Macomb<sup>16</sup> e a Casa de Plantação Destrehan<sup>17</sup>. Começamos com a imagem de Beyoncé em seu “habitat”, o palco, porém não como costumamos vê-la, ela está numa forma mais vulnerável, em seus joelhos e rezando. Está desorientada e de coração partido enquanto caminha pelo Forte Macomb, com angústia à paisana sobre ela. Até o começo da música que fala sobre suas inseguranças em relação ao seu companheiro, enquanto está em busca de clareza no tempo que espiona seu marido. Também é citado pela primeira vez um dos poemas de Warsan Shire, remetendo ao comportamento de seu pai em que cita que seu esposo o faz lembrar ele, pois ambos eram mágicos com a capacidade de existirem em dois lares. Com essa experiência anterior, a intuição dela leva crer na infidelidade. Ao longo de *Lemonade*, Beyoncé continua a conectar temas de infidelidade geracional com as consequências da escravidão que ainda existe na sociedade moderna. Como se estivesse em um estado de sonho, chegamos à fazenda de Destrehan e somos apresentados a um grupo de mulheres vestidas com roupas do século XIX, a personagem procura dar voz a esses descendentes.

### Capítulo 2: Negação - Música *Hold Up*

O segundo capítulo começa na transição da “morte” da personagem, que é a resposta da mesma em relação ao sentimento da traição. Há a interpolação dos conceitos de morte, ressurreição, religiosidade, dor e traição e seus efeitos. Na imersão de seus pensamentos, a personagem busca mudar a si própria na crença de que o problema está consigo e não nele. O poema deste capítulo e a letra de *Hold Up* se relacionam na revelação de que mesmo que ela mude, isso não a impedirá de sofrer a traição. Ela por sua vez, dá um passo à ressurreição ao se libertar do afogamento de seus pensamentos, nas ruas de Nova Orleans<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Fortaleza na Louisiana, que alguns escravizados eram arrebatados.

<sup>17</sup> Casa de plantação localizada em Nova Orleans.

<sup>18</sup> Cidade natal de seus avós e também símbolo da cultura negra.

Totalmente vestida de dourado, representando Oxum<sup>19</sup>, deusa do amor e das águas doces na tradição iorubá, ela tenta mostrar ao seu parceiro a dignidade de seu amor e que se ele não fosse tão grande quanto ele é agora não teria mulheres o desejando a ponto dele traí-la. Esses acontecimentos, vão ocorrendo conforme ela vai destruindo carros e a cidade com um taco de beisebol roubado de uma criança que possui as escritas “*hot sauce*”<sup>20</sup>(*em português, molho quente*), em forma de liberar suas frustrações.

### Capítulo 3: Raiva - Música *Don't hurt yourself*

O fim do segundo capítulo é caracterizado pela raiva da Beyoncé, enquanto ela destrói os carros passando por cima numa monster truck. Assim, no capítulo 3 assistimos a ira da personagem não apenas pela traição, mas também pela contínua negligência da mulher preta nos Estados Unidos mesmo após a escravidão. Nesse poema, é falado sobre a troca de pele, vemos um grupo de mulheres negras usando um tecido branco em seu corpo, indicando que se ele quiser, ela usará a pele da outra por cima da sua. Beyoncé cria uma irmandade, que veremos durante o *Lemonade*. Referenciando Malcolm X<sup>21</sup>, ela quer retratar nesse capítulo que ela não sente mais autopiedade e que quando seu marido a machuca ele também está se machucando e cansada de sentir culpa, ela termina jogando o anel de casamento na câmera.

### Capítulo 4: Apatia - Música *Sorry*

No quarto capítulo é referenciada a mitologia africana, o empoderamento feminino e a perspectiva da infidelidade. Em uma metáfora, a personagem morre após ser enganada por seu marido. O poema desta vez é um P.O.V<sup>22</sup> do marido, sentindo culpa e assumindo responsabilidade por sua morte. Com sua morte, ela encontra acalanto em sua irmandade, nesse momento é observado imagem delas

---

<sup>19</sup> Oxum tem origem Yorubá, vem do rio Osun na Nigéria. Deusa do amor e das águas doces, representando o sagrado feminino no candomblé e na umbanda, nas tradições de matrizes africanas.

<sup>20</sup> Referência a Formation, que na letra ela diz ter hot sauce em sua bolsa, provocando ambiguidade que poderia significar tanto o taco de baseball ou o molho de pimenta comumente usado pelo povo do sul dos EUA.

<sup>21</sup> Discurso “Quem te ensinou a te odiar?”

<sup>22</sup> *Point of View (em português, ponto de vista)*.

com pintura corporal nigeriana chamada, Sacred Art of the Ori<sup>23</sup>. Sem tom apático, mostra Beyoncé renovada com seu coletivo de mulheres, dentre elas Serena Williams, comemorando seu progresso. Não é sobre confrontar seu marido infiel, mas sim seu auto-empoderamento e percepção de que merece mais do que ele a oferecia. Temos dedos do meio sendo dados em meio ao desprazer e terminamos aqui com o maior mistério deste álbum: Quem é a Becky do cabelo bom<sup>24</sup>??

#### Capítulo 5: Vazio - Música *6 Inch*

Sem estar pronta para perdoar, nesse capítulo vemos a busca pelo prazer e o vazio da personagem, enquanto tenta se encontrar no mundo após a desilusão. É um caminho sombrio, a discussão é em volta de sua relação sexual, após o luto de seu antigo romance. Mesmo estando na mesma cama que ele, a personagem se protege em receio de futuros desconsoles. A cor vermelha e o salto 15 são referenciados no clipe e na letra em metáfora as mulheres poderosas e como ela é uma “chefe”, com sua capacidade de se bastar. Ver a palavra “*Loss (perda)*” quatro vezes na tela, faz entender que acabou para o seu marido, porém em contraste vemos ela vestida num collant remetido a um vestido de noiva, faz lembrar seus votos de casamento, parece que o perdão está mais perto do que se esperava. A casa que eles construiriam está queimando com Beyoncé e sua irmandade na frente dela, simbolizando o possível fim do racismo e machismo, que será guiado por mulheres negras.

#### Capítulo 6: Responsabilidade - Música *Daddy Lessons*

Até o momento muito tem se falado de traição, mas agora chegamos na questão paterna e como ela atinge as relações amorosas das mulheres. O espaço-tempo envolvido é entre o passado e o futuro, é explícito a relação mãe e filha e seus atributos herdados. O anseio da filha em se parecer com a mãe é tão grande, que até imita sua feição triste ao usar o batom vermelho, por marcas de um relacionamento abusivo. Antes que a personagem principal pense em voltar para seu marido, ela precisa confrontar seu pai, o homem que a ensinou a se defender.

---

<sup>23</sup> Arte que remete a cultura e mitologia Yourubá, criada pelo artista Laolu Senbanjo. Sendo Orí o Orixá pessoal, em toda a sua força e grandeza. Ori é o primeiro Orixá a ser louvado, representação particular da existência individualizada (a essência real do ser).

<sup>24</sup> Refere-se a possível traição de Jay Z e mulher com quem ele traiu, seria a Becky, uma mulher branca com cabelo bom.

*Daddy Lessons* tem seu ápice por portar o relacionamento de Beyoncé e seu pai, e que os mesmos problemas que ela viu no casamento de seus pais estavam caindo sobre o dela. Sua mãe fez a escolha do divórcio, cabe a ela agora decidir o destino do seu. Porém, vimos na Raiva ela explicitar que se seu marido a machuca, ele também está se machucando, se ela desiste dele, também desistirá dela. Seu pai a avisa que se um homem como ele chegar, ela deve atirar, nos questionando como uma filha deve atirar num homem que ela cresceu aprendendo a amar, há a necessidade de melhores exemplos. Beyoncé está assumindo a responsabilidade de garantir que esse ciclo seja quebrado, aprendendo e responsabilizando os homens em sua vida. Para ela, deixá-los ir significa perder uma batalha de gerações. Beyoncé ama seu pai e aprecia a dureza que ele incutiu em sua criação, mas por causa de suas lições e suas ações, sua lealdade é para com as mulheres de sua família.

#### Capítulo 7: Reforma - Música *Love Drought*

Beyoncé então se prepara para traçar seu próprio caminho até a reforma. A unicidade negra e a alusão à escravidão dão o tom deste capítulo. Ainda estamos na jornada de autoconhecimento da personagem, até onde isso a levará. A protagonista ainda está a se perguntar sobre as ações de seu marido, mas ela crê no amor deles e sua força para reconstruir o que estava quebrado. Somos surpreendidos por uma cena forte, que representa o fim de seu rancor, e a busca de um novo ciclo. A cena remete ao suicídio em massa que ocorreu na ilha de St. Simons, na Geórgia, no ano de 1803, conhecido como a Rebelião Igbo<sup>25</sup>. No vídeo, os personagens levantam coletivamente as mãos no que parece ser um grito final de liberdade, que triunfa sobre a morte. Finaliza com seu rosto com a pintura Ori, manchada onde seriam suas lágrimas caindo. Ori significa sua alma ou seus instintos e só quando Beyoncé tocar em seu Ori que ela pode começar a perdoar.

#### Capítulo 8: Perdão - Música *Sandcastles*

O poema deste capítulo retrata o fim de uma maldição, que mostrou às várias gerações de mulheres o desencanto da infidelidade. Esse fim indica que chegamos na superação daquele ódio visto nos capítulos anteriores, por meio do amor. O

---

<sup>25</sup> 75 escravizados nigerianos, foram levados ao suicídio em conjunto para evitar a escravidão, e afogaram-se no lago na região de Igbo em um ato de desespero.

cenário é simples, íntimo e vulnerável, somos guiados por uma sala que mostra sinais de um relacionamento rompido, como o vasilhame recomposto através da colagem de suas várias peças quebradas. Tal metáfora indica que o relacionamento de Beyoncé e Jay-Z pode ser consertado, pois apesar da rachadura ainda ser visível, a peça parece mais bonita do que antes. A letra da música descreve como ela não pode mais cumprir sua promessa, mesmo quando diz que vai deixar o marido. A construção sistêmica do “castelo de areia” nos permite entender que os erros cometidos existem e não podem ser apagados, mas podem ser aprendidos e transformados com eles.

#### Capítulo 9: Ressurreição - Música *Forward*

Aqui mudamos o foco, a música *Forward* é curta porém forte. Na combinação do rosto de luto de mães que tiveram seus filhos assassinados, representados nos retratos em seus colos, Beyoncé destaca a forma brutal e injusta com que a juventude negra é tratada, com tantos sonhos e trajetórias diversas desses jovens inocentes. Aqui, *Lemonade* ressalta a importância de combater a violência e a brutalidade policial. Por causa de suas histórias, as vítimas retratadas em *Forward* se tornaram ícones do movimento Black Lives Matter, tendo seu maior exemplo Michael Brown<sup>26</sup>. O assassinato provocou uma série de reações em todo o país, incluindo protestos, reações da população, várias formas de protesto social e um pedido de investigação nacional sobre esses eventos. Também vemos retratos de Trayvon Martin, Eric Garner e outros jovens negros que morreram como resultado da brutalidade e injustiça policial nos Estados Unidos.

#### Capítulo 10: Esperança - Música *Freedom*

Neste capítulo temos o matriarcado utópico usado na luta contra o racismo. Retornando a um estado de sonho, mulheres vestidas com roupas de 1800 se reúnem nas senzalas da plantação de Destrehan. Beyoncé sobe ao palco com uma versão a capela de *Freedom*, uma música inspirada na tradição religiosa gospel, expressando a opressão de todas as mulheres negras. Ao longo do poema, somos presenteados com a “esperança” das “filhas e netas”, ou seja, futuras mulheres que continuarão lutando para acabar com todas as formas de abuso e repressão contra a mulher negra. Ao mesmo tempo que canta sua mensagem sobre liberdade,

---

<sup>26</sup> Jovem negro de 18 anos que foi alvejado por policiais, em 2014.

Beyoncé agrupa um grupo de jovens negras populares, como Zendaya, Chloe e Halle, formando uma utopia. Ela se baseia na perseverança, com ela poderá passar pelo sofrimento de um relacionamento e também as desigualdades sofridas pelo povo negro. “Ela continuará correndo, pois um vencedor não desiste de seus sonhos”.

#### Capítulo 11: Redenção - Música *All night*

Chegamos a conclusão da obra, com uma mensagem inesperada diante de seu começo, afirmando que o amor é a solução. Nessa última proclamação dos poemas de Warsan, temos uma receita de limonada. Não é apenas uma receita, é também uma mensagem de força feminina que deverá ser repassada por gerações, como a fórmula da quebra da “maldição”. Agora finalmente nos é revelado o significado de *Lemonade*, com o discurso da avó de Jay-Z no seu aniversário de 90 anos: ela diz que, apesar de todas as dificuldades da vida, encontrou forças para continuar e fez dos limões, uma limonada. A personagem diz que todo esse sofrimento foi necessário para sua jornada de reencontro consigo mesma. Finalizamos com o amor, único jeito possível de acordo com a história narrada por Beyoncé, pois ele é maior que qualquer negatividade já sofrida. Estamos de volta à plantação, porém a personagem não está mais aflita como em *Pray You Catch me*, mas está liberta com o amor em *All Night (em português, Noite Toda)*.

O epílogo é o referente a *Formation*, ele não possui um poema próprio porém, ele é um resumo de tudo que foi falado nos capítulos anteriores. Suas nuances e detalhes serão especificados em um capítulo posterior, devido ao grande número de informações. A música e seu videoclipe foram lançados anteriormente ao álbum, no mês da história negra dos Estados Unidos, 6 de fevereiro de 2016. É um clipe e música totalmente voltado para o povo negro do sul:

*“Formation”* abrange TODOS os tópicos com os quais Beyoncé lida no restante do álbum, desde a **brutalidade policial, o movimento de empoderamento negro, a subversão dos papéis de gênero, sua ancestralidade, origens, irmandade e ênfase na representação de indivíduos afro-americanos.** (ANTHUNES, 2020)

Por todo esse primeiro capítulo, vimos a construção de uma imagem inalcançável de Beyoncé, quase com um ser mítico, conforme seu estrelato crescia. Muito se deu por seu grande controle de narrativa, conforme ela passava por polêmicas e construía seu império. Após um episódio triste em sua vida amorosa,



ela se despiu emocionalmente para o mundo e contou não só sua história mas de várias mulheres negras em forma de arte, ainda sim controlando sua narrativa.

Ainda há muito de se discutir sobre sua *Lemonade* e seu impacto, o que veio antes, etc. O epílogo não foi citado propositalmente, nele está a junção de todos os contextos e fatos, discussão para os próximos capítulos, para mais detalhes. O que possuímos agora é uma ampla contextualização de Beyoncé como mulher negra e feminista e seu álbum visceral. Após anos de um posicionamento acanhado, uma imagem sem uma opinião política forte, ela usa esse álbum como um rugido, disco que ditou o passe da discussão racial no ano de 2016 e além na cultura pop mundial.

Depois dessa contextualização, para melhor compreensão do tema feminista e antirracista, no próximo capítulo serão debatidas teorias feministas e teóricos que nos fazem entender questões raciais e de gênero, necessário também para melhor entendimento do *Lemonade* e sua significação para homens e mulheres negros.

### 3. IDENTIDADES CULTURAIS E SEUS AGENTES

#### 3.1 Como nos identificar?

Sempre tiveram controvérsias sobre o trabalho de Beyoncé e seu teor feminista e antirracista. Se ele realmente cumpria seu papel ou era apenas algo performático. Foi feita uma análise para entender a mulher preta representada em *Lemonade* e como uma mulher negra escolhe se representar e representar outras mulheres negras. Para responder essa e outras perguntas utilizo teóricos que vão nos fazer entender a artista e suas questões. Estão explicitadas teorias feministas negras e interseccionalidade entre raça, gênero e classe, com o conceito de criação de identidade e como isso tudo afeta a subjetividade de mulheres negras.

Começamos a discussão primeiramente explicando alguns termos que nos farão entender melhor quando nos referenciamos às pessoas negras. Entender o papel delas na cultura popular e de que modo ela é criada, levando a reflexão de como são representadas e quais são seus papéis nessa representação.

A partir de Nilma Lino Gomes, apresento a definição de identidade, começando por esse termo para traçar um caminho até chegar na imagem da artista. A autora começa perguntando o que é identidade, para depois nos explicar a complexidade do termo, afirmando que pode haver muitas respostas para o mesmo. É um termo básico e muito popularizado, mas se pararmos para explicar não é de grande facilidade.

Stuart Hall (2006) e Nilma Gomes (2005) combinam na concepção da identidade pós-moderna não ser inata. Ela é baseada na forma que somos no mundo, como vivemos nossa realidade, tendo em vista que estamos numa sociedade que se transforma constantemente. A identidade é um fator que ajuda e faz parte da construção de relações e referências de grupos culturais. Trocamos informações de uma forma muito rápida e com muitas culturas de lugares diferentes, influenciando diretamente em nossa identidade.

A identidade não se baseia apenas na questão cultural, mas também nas socioeconômica e histórica na conjuntura de grupos sociais. Nilma ressalta que:

Dessa forma, a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político. (GOMES, 2005, p. 41)

É com a contribuição da cultura que esses grupos sociais considerados minoritários exercem sua autonomia e enaltecem sua diferença.

Então voltando ao início de como construímos a identidade, a autora nos explicita que não é possível criar identidade, isolados. Por todo nosso crescimento, passamos por situações externas e internas que influenciam diretamente em nossa proposta de como o mundo nos vê. Conseguimos este feito a partir do diálogo com os outros, sendo um processo identitário que todos os grupos passam, inclusive a identidade negra.

Aprofundando este debate, destacamos que para Angela Davis há uma intersecção entre classe, raça e gênero que não podemos ignorar:

[...] É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. [...] (DAVIS, 2011).

Nos ajudando a entender o conceito mais específico da construção da identidade negra, existem alguns quesitos que não podem ser separados e nem analisados sem profundidade.

Como mencionado anteriormente, através da cultura e da história é que conseguimos nos identificar em grupos sociais que vão além de racial, como também em gênero, sexual, nacional e de classe. Então é esperado a identificação em mais de um, portanto, reconhecer-se na identidade pressupõe responder afirmativamente às indagações e construir um sentimento de pertencimento ao grupo social relevante. Somos sujeitos com múltiplas identidades, e essas múltiplas identidades sociais também podem ser temporariamente atraentes e depois parecerem pontuais, então podem ser rejeitadas e abandonadas (GOMES, 2005).

Em geral, gradualmente, se constrói a identidade negra assim como todas as outras, num processo que começa pequeno em casa, na família e se desdobra a partir de diálogos subjetivos<sup>27</sup>. Logo :

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2005, p. 43)

Assumir uma identidade considerada marginalizada é ter que entender seu impacto maior que o plano subjetivo, mas também político, então quando assumimos a identidade negra, entendemos sua história, principalmente no Brasil, sendo de um povo que nunca foi assistido e passou por muito tempo na margem. Um povo que podemos afirmar, que sua grande parte ainda sofre consequências de um passado colonial escravocrata. Logo, fica a indagação da Nilma de como construímos uma identidade negra positiva, numa sociedade que ensina os negros, desde muito cedo, que para serem aceitos é preciso negar a si mesmo?

Após explicar dois termos importantes para nosso processo, é preciso entender com o que eles vão conversar. Entendemos a fragilidade que é construir identidade e mais ainda a negra. Stuart Hall vai explicitar o conceito do negro na cultura popular negra e qual o papel das representações. Como dito anteriormente, a cultura é um grande aliado na questão identitária.

Stuart Hall afirma que o pós-modernismo tem uma fascinação pelo diferente em todos os aspectos: sexuais; culturais; étnico-culturais, mesmo a “alta cultura” sendo totalmente hostil a essa diferença. A globalização no pós-moderno faz com que as diferenças entre o conceito de erudito e popular se desloquem, não se tratando mais de perder ou ganhar, mas sim de mudar, afirmando como as relações culturais se tornaram hegemônicas e equilibradas.

Após essas mudanças, a abertura da diferença fica em destaque e descentralizando a narrativa ocidental. Tendo reações costumeiras desse descontentamento que são: ataques diretos ao multiculturalismo; defesa do absolutismo étnico; xenofobia, etc.

Assim como a identidade tem sua base em muitos fatores, Hall (2003) nos explica a formação da cultura popular:

---

<sup>27</sup> Um processo complexo, principalmente no Brasil por sua grande esfera de vivências diferentes entre as pessoas negras, com fenótipos diversos. Diferentemente dos Estados Unidos, que além do fenótipo baseado em seus traços e feições, são consideradas pessoas negras aquelas que descendem de pessoas negras, seguindo a regra de uma gota de sangue. Ver mais em: <<https://www.institutobuzios.org.br/a-historia-da-lei-uma-gota-de-sangue/>> Acesso em: 5 jul. 2022.

A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra "popular". E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns.[...] (HALL, 2003, p.382 )

E ainda conecta ao que Mikhail Bakhtin fala de “vulgar”, por ser algo informal, grotesco, logo se contrapõe à elite, mantendo a distinção do que faz ou não faz parte dela. Segundo Hall (2003), o papel das massas na cultura popular é fixar a autenticidade das formas de massa, enraizá-las na experiência da comunidade de massa da qual derivam sua vitalidade e fazê-las vistas como expressões de uma vida social subjacente particular que resiste à extremidade inferior.

É uma cultura que está se tornando dominante ao nível global. É o espaço de onde suas representações, suas identidades, e experiências criam vida e são a atração principal. Assim como todas as culturas contemporâneas, está disponível para apropriação e está passando por uma homogeneização com representações estereotipadas.

Como toda cultura popular, a cultura popular negra é contraditória. No princípio de representações, Hall (2003) discute que o que devemos nos importar é que na cultura popular ainda estamos sendo representados, porque no final mesmo suas imagens sendo deturpadas e não agradáveis, suas tradições ainda estão sendo contadas pela cultura popular e suas experiências por trás também.

Por conta da diáspora, a cultura popular negra passou por constante mudança e agregações. De certa forma, não era vista com bons olhos essas transformações, quando falamos de autenticidade. É uma cultura que carrega muitas tradições e lutas de um povo que passou por grandes mudanças, logo essas diferenças passam como impuras e ameaçadoras.

A cultura popular instila o espetáculo da cultura negra, a homogeneização por herança de algo completamente diferente. Stuart Hall se opõe à binaridade de interpretações quando diz:

[...] O que esse movimento burla é a essencialização da diferença dentro das duas oposições mútuas ou/ou. O que ele faz é deslocar-nos para um novo tipo de posição cultural, [...] Eles devem recusar porque o "ou" permanece o local de contestação constante, quando o propósito da luta deve ser, ao contrário, substituir o "ou" pela potencialidade e pela possibilidade de um "e", o que significa a lógica do acoplamento, em lugar da lógica da oposição binária.[...] (HALL, 2003, p. 383)

Essa mudança de paradigma mistura o que deveria ser histórico e cultural com algo biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, sendo alojado em uma categoria racial, valorizamos pela inversão da própria base do racismo que estamos tentando desconstruir (Hall, 2003).

Para Hall, um homem negro não precisa de uma política representativa para confirmar quem é, mas apenas ser. Não é um rótulo, o autor afirma que não devemos focar na experiência, mas sim na diversidade. Não apenas apreciar as diferenças históricas e experiências entre comunidades e regiões, mas também reconhecer outras diferenças que atrelam a cultura negra. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão da natureza do ser, mas de se tornar (Hall, 2003).

Terminamos essa epistemologia na compreensão de como é processado de modo oposto as formas contemporâneas de globalização. Sempre haverá uma dominante contra culturas que floresceram diferentes da mesmice cultural; porém gradualmente esses processos que buscam descentralizar os modelos que já são conhecidos, são os que promovem a diferença cultural globalmente.

Devemos nos desprender de modelos homogêneos e únicos sobre pertencimento cultural, até agora foi explicitado mais de uma vez os meios que nos identificamos e sua extensa probabilidade. Não somos “ou”, somos “e”, são esses pontos que mudam a cultura no mundo. É a nova "diáspora" e seu caminho até uma cultura mais diversa.

A pergunta que o teórico faz no título de seu artigo *Que negro é esse na cultura popular negra?* reverbera nas críticas a etnicidade que domina, explica que a identidade negra é transpassada por outras. Logo, as políticas culturais e as lutas que elas incorporam ocorrem em muitas dimensões e em todos os níveis da cultura, incluindo a vida cotidiana e a cultura popular. Hall termina com a explicação:

Quero finalizar com dois pensamentos que nos levam de volta ao sujeito da cultura popular. O primeiro é lembrá-los de que essa cultura popular, mercantilizada e estereotipada como é frequentemente, não constitui, como às vezes pensamos, a arena onde descobrimos quem realmente somos, a verdade da nossa experiência. Ela é uma arena profundamente mítica. É um teatro de desejos populares, um teatro de fantasias populares. É onde descobrimos e brincamos com as identificações de nós mesmos, onde somos imaginados, representados, não somente para o público lá fora, que não entende a mensagem, mas também para nós mesmos pela primeira vez.[...] (HALL, 2003, p. 386)

Dessa forma, a cultura popular e suas representações importam pois se configuram como arenas de disputas pelo direito de significar, logo, de existir.

### 3.2. Feminismo para quem?

Agora é hora de pensar como esses conceitos impactam na subjetividade de mulheres negras. Já é compreensível que não é fácil assumir uma identidade, especificamente quando falamos de raça/etnia. O colorismo muda a percepção de nós mesmos, ainda mais em um país miscigenado como o Brasil.

Quando nos assumimos mulheres negras é um desafio no feminismo pois, enquanto lutamos contra o patriarcado, também apoiamos os homens na luta antirracista. O que nos deixa na encruzilhada política de: ou ser mulher, ou ser negra. Como aprendemos com Hall, Gomes e Davis, essas identidades caminham juntas e não são excludentes.

A necessidade de se criar um feminismo negro vem de falhas do movimento feminista de mulheres brancas burguesas e do movimento de libertação negra liderado por homens, pela falta de reconhecimento e de respeito as diferenças de experiência daqueles com menos poder político nos movimentos, particularmente o das mulheres negras que vivem simultaneamente sob as opressões de gênero, de raça e de classe.

Ao contrário dos movimentos de libertação negra que muitas vezes se concentravam em elevar o homem negro heterossexual à posição de patriarca e movimentos de mulheres que centravam as experiências de mulheres brancas com privilégios raciais e de classe, o feminismo negro investe em reconhecer as diferenças sociais e desafiar os determinantes para a liberdade e justiça para pessoas de todas as origens. Como as mulheres negras não podem necessariamente confiar no poder da branquitude, do patriarcado ou da riqueza geracional para elevar sua humanidade, a força revolucionária por trás do feminismo negro é o impulso necessário para acabar com todas as formas de opressão que afeta toda a sociedade.

No feminismo liberal branco, o pensamento ocorre em volta da crença de que todas as mulheres são oprimidas de maneira igual. Esse pensamento ignora a interseccionalidade entre raça, classe, sexualidade e invalida outras experiências.

Como se o sexismo fosse o detentor do destino de todas as mulheres, o que não consegue ser verdade.

bell hooks (2015) afirma que se o feminismo tivesse começado por mulheres negras da classe média não teria sido levado a sério. O que não foi o que aconteceu com as brancas burguesas, pois seu público era maior, logo tinham mais alcance. Eram mulheres cansadas de sua vida de dona de casa, em busca da igualdade de seus maridos, na ânsia de poder trabalhar e serem tratadas de maneira igual. Isso demonstra uma forma de inverter os valores que já dominavam a sociedade, logo não buscavam a mudança de estrutura. Em seu artigo, bell hooks explica:

Em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar a, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. As análises feministas sobre a sina da mulher tendem a se concentrar exclusivamente no gênero e não proporcionam uma base sólida sobre a qual construir a teoria feminista. Elas refletem a tendência, predominante nas mentes patriarcais ocidentais, a mistificar a realidade da mulher, insistindo em que o gênero é o único determinante do destino da mulher. Certamente, tem sido mais fácil para as mulheres que não vivenciam opressão de raça ou classe se concentrar exclusivamente no gênero. Embora se concentrem em classe e gênero, as feministas socialistas tendem a negar a raça ou fazem questão de reconhecer que a raça é importante e, em seguida, continuam apresentando uma análise em que a raça não é considerada. (hooks, 2015, p.1).

Devemos nos desvencilhar do conceito de libertação das mulheres sendo a igualdade social com os homens, majoritariamente brancos. É um discurso da perpetuação da exploração e da opressão de outros grupos. Como a mulher negra é atingida por todos esses, ela não possui um grupo que possa discriminar institucionalmente. O feminismo negro celebra a libertação de todos desafiando todas as classes (sexista, classista e racista), erradicando o privilégio, usando de nossas experiências, enquanto pessoas que vivem à margem, em perspectiva para fazer críticas a essa hegemonia supremacista branca<sup>28</sup> e a partir dela criar uma contrapartida.

### 3.3. Aqui se discute política sim!

---

<sup>28</sup> Gravado na consciência de toda criança branca já no nascimento e reforçado pela cultura, o pensamento supremacista branco tende a funcionar de maneira inconsciente. Essa é a principal razão pela qual é tão difícil desafiá-lo e transformá-lo. Veja mais em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/o-supremacismo-branco-segundo-bell-hooks/> Acesso em: 27 jul. 2022



Conforme vamos passando por esses conceitos, é possível entrelaçar até a compreensão da importância de obras contemporâneas que exaltem a negritude e qual é o seu impacto na vida dos espectadores. Esses itens midiáticos reforçam nossas histórias e são agentes identitários, como Stuart Hall diz, mesmo não sendo de agrado, a representação ainda importa. No entanto, é dever apreciar essas performances com olhar crítico.

Quando falamos do papel do artista politicamente, Angela Davis tem seu posicionamento que nos ajuda a pensar em nossos representantes:

Historicamente, nos EUA, tem-se a ideia de que os artistas existem para promover o entretenimento das pessoas. Dessa maneira, perde-se de vista o profundo papel dos artistas, que é colocar uma nova consciência, uma vez que eles têm recursos visuais e performáticos, usam o corpo como forma de expressão artística, enfim, possuem modos de dizer as coisas que o discurso político não dá conta. Quando se fala de uma pessoa que ficou famosa na Europa, por exemplo, isso é importante caso ela seja uma porta-voz da luta contra o racismo. (DAVIS, 2011)

bell hooks analisa em *Olhares Negros: raça e representação* (1992) elementos da mídia estadunidense, como são portados para provocar e engajar os espectadores. Com críticas ao objeto desta monografia, é importante trazer essa autora para avaliar seus princípios. É uma situação de mudança de olhar do outro e saber se essas obras estão cumprindo com seu papel e quais críticas temos em relação a elas.

Em entrevista a *Elle Magazine* em 2019<sup>29</sup>, Beyoncé afirma:

Eu raramente me sentia representada em filmes, moda e outras mídias. Depois de ter uma filha, tomei como missão a de usar minha arte para mostrar o estilo, a elegância e a atração em homens e mulheres de cor. Estamos vivendo um belo momento de real progresso em direção à aceitação.

Logo, desde 2013 vemos uma mudança de seus discursos, começando em prol do feminismo, até intervir com questões raciais nos seus seguintes trabalhos, até mesmo após o lançamento do álbum visual *Lemonade* (2016). Focando também essas representações no formato visual, em sua introdução, bell hooks afirma enfatizar sua teoria nos filmes porque eles determinam mais como a negritude e as pessoas negras são vistas e como outros grupos vão reagir, baseado na relação de construção e consumo de imagem.

---

<sup>29</sup> Disponível em:

<<https://www.elle.com/culture/celebrities/a29999871/beyonce-ivy-park-adidas-interview/>> Acesso: 03 jun 2022

Em entrevista, Angela Davis fala sobre Beyoncé e que mesmo com fatores da mercantilização de corpos e da música, ela aprecia a cantora e também cita:

Estou certa de que muitas mulheres jovens e, espero, homens jovens ou pessoas jovens que não necessariamente se identificam como homens ou mulheres se comoveram com isso, para, pelo menos, começar a pensar sobre o que pode significar o feminismo. Isto significa que eles podem ser conduzidos por uma jornada que lhes permitirá adotar uma noção mais ampla do que significa o feminismo, suas metodologias e suas abordagens com relação à militância e à pesquisa. Estou confiante de que ela tocou algumas pessoas com isso. (DAVIS, 2016)

Tal resposta também reforça a teoria de Hall, ao pensar na importância da representação apesar de suas complexidades e contradições. Em vista dessas repercussões, agora é hora de entender como criamos essa identidade negra a partir desses exemplos na cultura. Saber quem está nos representando e de qual forma é dada essa representatividade. É a vez de criticar a hegemonia e buscar a descolonização da mídia, com ajuda de obras feministas negras que forcem a enfrentar a dura história.

Utilizo as contribuições de bell hooks para ajudar no entendimento de raça e representação, pensando qual é o seu trabalho na forma de nos vermos e como isso afeta a autoestima da comunidade negra. Estamos falando de anos de uma mídia que reforça a supremacia branca e os estereótipos em volta dela contra corpos não-brancos. O que ajuda na visão distorcida de negros sobre si mesmos, internalizando o racismo sofrido diariamente. O papel de uma obra feminista negra é essa ruptura dos modelos hegemônicos culturais, que perpetuam nossa dor e “vitimização”, em vista de modelos que explorem o amor à negritude e a valorização de um repertório historicamente desconhecido e subalternizado.

Esses artistas têm o desafio de repensar como apresentar raça e representação, trabalhando a imagem. É um local de luta, pois a mídia é uma maneira de gerir o patriarcado supremacista branco, conformando como os corpos negros são representados. São objetificados de maneira que apoiam a opressão e persistem nesse modelo opressor em vários aspectos. É inegável a repercussão que a supremacia branca tem em nosso entendimento em como ser, viver, andar e nosso olhar para o outro.

bell hooks (1992) nos faz entender como progredir contra essas opressões. É trabalhar constantemente contra esse tipo de representação que nos ensina que o mundo não nos vê linda, maravilhosa e inteligente, da mesma forma que nós

achávamos. É trabalhar veemente na crítica dessas imagens, em busca da libertação e autodefinição, fundamentais para a garantia da nossa dignidade.

É enigmático o jeito que apreciamos nossa depreciação nos filmes, como algumas vezes temos divertimento no nosso auto-ódio, “como a colonização e a exploração de pessoas negras é reforçada pelo ódio racial internalizado via pensamento supremacista branco” (hooks, 1992, p.41). Isso é algo que fica tão internalizado que, muitas vezes, parece que conseguimos sentir prazer na nossa destruição. “Conforme as pessoas negras personificam essas atitudes e se comportam de modo semelhante aos estereótipos racistas, observamos maior apoio ou aceitação na cultura” (hooks, 1992, p. 50).

Nos é ensinado que devemos nos odiar, a partir desses estereótipos feitos por brancos de nós, na cultura. Há também essa ridicularização por parte dos negros. Sobre essa questão, hooks afirma:

Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau (hooks, 1992, p. 32).

Conseqüentemente, quando pessoas negras, em particular as que vem de um lugar mais pobre, constantemente recebem motivações para desacreditarem em seu potencial e de sua falta de importância, não é incomum se iludirem com escapes momentâneos, ilusões e felicidade temporária em prol do esquecimento momentâneo da dura realidade.

Mais uma vez, estamos falando de identidade, do uso do passado para melhorar nosso futuro. É descolonizar o pensamento para resistir e nos definir. A autora confia no processo de transformação através do coletivo e que dessa forma conseguimos mudar como o mundo e nós mesmos nos vemos. Devemos entender que para uma alternativa que celebre a negritude pelas massas do povo negro, ela só virá com luta de resistência e movimentação progressista que celebrem a libertação dos negros pela sua própria descrição.

“Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras.” (hooks, 1992, p. 53)

Após essa explanação de entendimentos de construção identitária e representação, qual é o papel da Beyoncé enquanto figura pública da cultura pop? Quando uma artista de porte global como Beyoncé, se dedica a trabalhos políticos com viés feminista e antirracista, mesmo de forma rasa com pontas a se criticar, abrimos as portas para o debate. Um debate não só entre os espectadores, mas também no encorajamento de outros artistas a se posicionarem da mesma forma. É um bom começo, com muito para se melhorar ainda.

No próximo capítulo, abordamos tais questões colocadas aqui a partir da música e videoclipe *Formation*, que encerra o álbum visual *Lemonade* e se tornou uma ode à valorização da cultura negra.

#### **4. Okay ladies, now let's get in formation!**

##### 4.1 O dia que o mundo entrou em formação

Vimos até agora a criação de uma estrela negra, considerada uma das mais influentes do mundo, num espaço com histórico de invisibilizar o negro. O foco é entender a representação dessa performance na vida de mulheres e homens negros, em razão de anos dessa falta de espelhos nas mídias. Após *Lemonade*, seu teor político abordado em suas letras, melodias e atuações foi intensificando. A escolha do álbum em questão é por conta de seu estopim, ele é a interseção do seu feminismo abordado anteriormente e o antirracismo “adormecido” sendo aflorado.

No primeiro capítulo, citei o *Lemonade* quase inteiro e deixando de fora o epílogo propositalmente. O epílogo possui a música *Formation* (*em português, Formação*), ela foi a primeira a ser lançada e na estrutura do álbum é a que fecha, pois é o resumo de tudo que se foi passado. Busco neste capítulo entender a música, entender suas críticas e o que podemos aprender de tudo isso, junto das teorias vistas anteriormente. Para esse discernimento são feitas a análise da letra, do clipe, sua primeira performance, o momento lançado, também passaremos pelo recebimento dos fãs e outros espectadores, inclusive de bell hooks com suas críticas. Terminando com um panorama do álbum como agente identitário

significativo da pauta feminista negra não só nos EUA mas no mundo de maneira geral.

*Formation* foi um dos cliques mais premiados da carreira de Beyoncé, seu conteúdo recheado de referências marcou os espectadores no ano de 2016. Diferente dos outros capítulos, aqui não temos um poema iniciando o vídeo. É um resumo de tudo o que aconteceu, porém, pela lógica de seu lançamento, era uma prévia dos próximos acontecimentos.

Primeiramente, começamos com análise conjunta do clipe com a música. Ambos foram lançados dia 6 de fevereiro de 2016, propositalmente, por ser no mês que os Estados Unidos celebram a cultura negra<sup>30</sup>.

Em seu primeiro frame já é iniciado uma polêmica, Beyoncé em cima de um carro policial que está quase afundando. No fundo, temos Nova Orleans<sup>31</sup> como palco principal do clipe, sua importância para o álbum foi vista anteriormente. Em *Formation* seu foco é 2005, quando a cidade foi arrasada pelo Furacão Katrina, que submergiu 80% da cidade. A inundação afetou principalmente a população negra, que após os eventos continuou sem assistência do governo, fato que até o famoso rapper Kanye West chamou atenção, quando durante uma transmissão de televisão ao vivo reclama que George Bush não se importa com vidas negras<sup>32</sup>.

No clipe uma voz nos pergunta “*O que aconteceu em Nova Orleans?*”, o dono da voz é Messy Mya<sup>33</sup>, jovem negro de Nova Orleans, assassinado, aos 22 anos, vítima de violência policial, fazendo referência ao genocídio negro, que acontece constantemente todos os anos, diariamente.

Também temos a autopromoção dela mesmo quando ela cita “Todos vocês haters são tolos com essa porcaria sobre Illuminatis/ Paparazzi, peguem meu estilo e minha arrogância<sup>34</sup>”. Alguns anos atrás, Beyoncé e Jay-Z foram vinculados ao grupo Illuminati e nesse momento a cantora aborda os rumores exclamando o quão ridículos são. O que nos leva ao racismo da indústria que preferem acreditar que eles fazem parte de um culto, do que aceitar o sucesso de negros. Diferentes

---

<sup>30</sup> Black History Month, celebra os afro-americanos e sua ancestralidade durante o mês inteiro de fevereiro.

<sup>31</sup> Ver mais em: *A história da cultura afro-americana em Nova Orleans*. Disponível em: <<https://pt.neworleans.com/things-to-do/multicultural/cultures/african-american/>> Acesso em: 5 jul. 2022.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UJUNTcOGesw>> Acesso em: 04 jun. 2022.

<sup>33</sup> Youtuber e jovem gay, morto em 2010 após sair de um chá de bebê de sua amiga.

<sup>34</sup> Y'all haters corny with that Illuminati mess/ Paparazzi, catch my fly and my cocky fresh. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/beyonce/formation-traducao.html>> Acesso em: 04 jun. 2022

ocasiões são mostradas ao longo do vídeo, vemos pessoas negras dançando, participando de celebrações na igreja, passeando, realizando coisas comuns antes de serem devastadas pelo furacão e serem negligenciadas pelo governo.

Agora é um momento importante, referente ao que já foi falado anteriormente sobre identidades. No clipe, ao mostrar quadros com pessoas negras vestidas como realeza que no caso são seus pais, ela canta: “Papai é do Alabama; mamãe, Louisiana/ Você mistura esse negro com aquela crioula e faz uma texana revoltosa<sup>35</sup>” finalmente afirmando sua identidade como mulher negra, em resposta a anos de críticas que afirmavam seu “embranquecimento” em favor de seu sucesso.

Na continuação ela nos diz, “Gosto do cabelo do meu bebê, com baby hair e afro/ Gosto de meu nariz negro com as narinas dos Jackson Five<sup>36</sup>”. Em *Formation*, Beyoncé junta forças para revidar todas as críticas, especialmente as raciais, que já teve que lidar. Como fazerem uma petição<sup>37</sup> para pentear o cabelo de sua filha, pois para parte da população cabelo crespo é visto como “bagunçado”. No clipe, vemos sua filha Blue Ivy com seu cabelo afro, correndo pela casa, afirmando seu amor pelos cabelos crespos e seus traços negróides.

No contexto em que Beyoncé está inserida, é exaltado o sonho americano e o estilo de vida estadunidense de sucesso, significando aclamação pelo capitalismo e ascensão ao topo. Nisso ela canta “Eu seria a Bill Gates negra em construção!<sup>38</sup>” explicando que também é possível chegar nessa posição, tendo em vista que Bill Gates já foi considerado um dos homens (brancos) mais ricos do mundo.

Em seu refrão marcante, ela chama as mulheres negras, então diz: “Okay, senhoras, vamos entrar em formação”. Isso mostra que para a cantora, uma só mulher não consegue realizar tudo sozinha, apenas se nos juntarmos conseguimos lutar. A artista demonstra acreditar no coletivo, não querendo chegar ao topo sozinha, ela quer trazer suas irmãs juntas, onde vemos ela contrastar “Eu arraso” com “Nós arrasamos” (*I slay, we slay*).

---

<sup>35</sup> My daddy Alabama, momma Louisiana/ You mix that negro with that creole, make a Texas bama. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/beyonce/formation-traducao.html>> Acesso em: 04 jun. 2022

<sup>36</sup> I like my baby hair with baby hair and afros/ I like my negro nose with Jackson Five nostrils. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/beyonce/formation-traducao.html>> Acesso em: 04 jun. 2022

<sup>37</sup> Disponível em: <[https://www.huffpost.com/entry/blue-ivy-petition-comb-her-hair\\_n\\_5483765](https://www.huffpost.com/entry/blue-ivy-petition-comb-her-hair_n_5483765)> Acesso em: 04 jun. 2022

<sup>38</sup> I just might be a black Bill Gates in the making! Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/beyonce/formation-traducao.html>> Acesso em: 04 jun. 2022

O clipe continua com suas críticas sociais, quando passamos pela cena mais emblemática. Vemos uma parede de policiais brancos e um menino negro em sua frente com os braços abertos e em seu fundo está escrito “Parem de nos matar”. Essa é uma referência ao movimento Michael Brown, um dos pilares do Black Lives Matter, e o menino estava vestido de Trayvon, também morto por violência policial.

No momento em que ela canta “Eu sonho/ Eu trabalho duro/ Eu trabalho até conseguir” é ilustrado simultaneamente, um homem segurando um jornal com Martin Luther King<sup>39</sup> com a legenda “Mais que um sonhador” em referência ao seu discurso “Eu tenho um sonho” de 1963. Lembrando a todos que antes da realização, há um sonho. Apesar do racismo constante, sem a luta deles não seria possível reivindicar seus direitos.

Mais um aspecto social presente no clipe é sobre o “carnaval negro” característico de Nova Orleans, onde pessoas saem fantasiadas pelas ruas, possuindo influência da cultura nativa norte-americana e é mais uma afirmação de seu amor pela cultura negra construída pela ocorrência do clipe até então.

Chegando ao final do clipe ela termina a música com a frase “Sempre permaneça graciosa, a melhor vingança é seu dinheiro” mais um apoio no capitalismo e o bom comportamento em troca de compensação financeira. Dessa forma, o clipe é encerrado do mesmo jeito iniciado, mas desta vez há o afogamento da personagem com o carro de polícia, demonstrando de forma metafórica, as consequências da tragédia e o desrespeito em relação à população.

Esse clipe é um exemplo da diáspora melancólica, Beyoncé mostrando seu passado para entender questões do presente em prol de sensibilizar e inspirar outras pessoas. Também vendo como a oportunidade de anunciar firmemente sua identidade, quem ela é e quem ela quer representar daqui para frente, seja como resposta às críticas anteriores ou como forma de amadurecimento pessoal e profissional ao longo dos anos.

#### 4.2: Recepção dos espectadores

---

<sup>39</sup> Martin Luther King Jr. foi um dos grandes ícones do século 20. Ele era tão popular por causa de sua luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos da América nas décadas de 1950 e 1960. Ele desempenhou um papel de liderança, capacidade de falar em público e de convocar manifestações pacíficas de um grande número de pessoas contra as leis de segregação nos estados do sul dos Estados Unidos. Por isso, ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1964. Veja mais em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/martin-luther-king.htm>> Acesso em: 08 jul. 2022

Como foi ensinado por bell hooks, é importante criticar tudo o que consumimos, por mais importante que pareça ser. Agora é o momento de analisarmos como foi recebido essa chuva de referências à movimentos negros e violência policial. Também entender de fato o teor do conjunto em questão de militância, ao lembrar que estamos falando de uma cantora vinculada aos ideais capitalistas e bilionária.

Após todas essas referências e tópicos detalhados, vamos saber como os espectadores e a crítica especializada receberam esse conteúdo. O que estamos reafirmando agora é uma obra totalmente diferente do que a artista já fizera, especialmente num momento bem crítico dos Estados Unidos.

Após o lançamento do clipe e da música, no domingo, 7 de fevereiro de 2016, a banda estadunidense Coldplay era a atração principal do Show do Intervalo do Super Bowl, o evento de maior audiência do país. Como atração surpresa eles chamaram Beyoncé e Bruno Mars para se apresentarem. Surpreendendo a todos, Beyoncé faz sua primeira performance ao vivo de *Formation*, e foi extremamente impactante: a artista e suas dançarinas estavam vestidas com um figurino que remetia aos Panteras Negras, movimento negro socialista dos anos 1960 que combatiam a violência policial, com grande importância para o movimento dos direitos civis e que possuem uma de suas marcas o punho levantado para o alto, além de figuras icônicas como Huey P. Newton e Eldridge Cleaver.

Simultaneamente ao seu lançamento, a internet inteira não parava de comentar e reagir a *Formation*. Isso implica em “hashtags” levantadas no Twitter pedindo boicote a Beyoncé e pessoas que decidiram desligar suas televisões no momento da apresentação do Super Bowl. A comunidade policial branca fez questão de se manifestar contra a cantora, alegando que ela era contra o trabalho dos policiais. Quando ela anunciou as datas da *Formation Tour* que aconteceria nos EUA houve organização policial marcando de não trabalharem nos eventos, assim deixando a segurança do local enfraquecida. Políticos brancos de extrema-direita também tiveram suas opiniões, inclusive o candidato à presidência na época, Donald Trump creditou a performance como ridícula e inapropriada.

A reação mais engraçada foi a do programa de comédia *Saturday Night Live*, que é famoso por suas sátiras ao cotidiano. Após os ocorridos, eles elaboraram uma esquete que ridicularizava os estadunidenses que criticaram as performances,



“descobrimo” a negritude da Beyoncé<sup>40</sup>. É uma oportunidade de conciliar as reações com que entendemos sobre identidade, a partir daquele momento Beyoncé não criava mais músicas que agradassem quase todos os brancos, ela assumia sua identidade e quem ela queria representar de maneira explícita.

Um dos discos que trouxe meticulosamente a reflexão sobre o homem negro norte-americano no cotidiano foi o *To Pimp a Butterfly* (2015), do Kendrick Lamar. Ao participar da música *Freedom*, é reforçada o agente identitário da Beyoncé e de suas lutas de ser mulher e negra.

Trago Kendrick Lamar, para debatermos as críticas de *Formation*, pois são elas que nos embalam para o final deste trabalho. Pois, quando você lança uma música com forte mensagem pró-negritude no mês da história negra dos Estados Unidos, é esperado um entusiasmo da mesma forma que o cantor recebeu. Não foi apenas a comunidade branca e conservadora que tiveram seus juízos negativos em relação à obra. Muitos da comunidade negra acusaram Beyoncé, uma negra capitalista, de se apossar de uma dor que não é dela<sup>41</sup>.

Não é de hoje que a figura de Beyoncé é emblemática, mesmo com suas letras empoderadoras que incentivam a irmandade. As opiniões contrárias sempre estiveram aí, quando a acusavam de ser sensual demais em suas performances, por defender veemente seu matrimônio e sua maternidade. Sua falta de posicionamento em relação à questão racial e “falta” de identidade negra, sempre puseram sua credencial feminina negra em pauta de dúvida.

Há bastante controvérsias nessas críticas, que ilustro com as teorias vistas anteriormente. A comunidade negra tinha uma dificuldade em aceitar que uma mulher negra de pele clara, altamente rica, pudesse entender sua dor diaspórica. Agora voltando ao começo de sua carreira, Beyoncé sempre foi criticada por não assumir sua identidade e sendo acusada até de um possível embranquecimento da mesma. Finalmente, quando a cantora assume sua cultura negra, é criticada por se apropriar. Ficando num limbo entre ser preta demais para o público branco e não ser negra o suficiente para a comunidade negra.

---

<sup>40</sup> Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=ociMBfkDG1w&t=3s&ab\\_channel=SaturdayNightLive](https://www.youtube.com/watch?v=ociMBfkDG1w&t=3s&ab_channel=SaturdayNightLive)>.. Acesso em: 07 jun. 2022

<sup>41</sup> Disponível em:

<<https://slate.com/human-interest/2016/02/beyonces-formation-exploits-new-orleans-trauma.html>> Acesso em: 08 jul. 2022

Em especial em *Formation*, críticas dizem da cantora se apropriar da dor dos que sofreram com o Furacão Katrina e sua falta de conexão com os mesmos. Além de capitalização da dor, também é acusada de usar a causa para benefício próprio, pois na maioria da letra de *Formation* é sobre seu sucesso pessoal e aquisitivo. O que no final não empodera, mas sim “rouba” sua dor e perda.

Como já visto antes, essa catástrofe se passa no sul e principalmente em Nova Orleans e Beyoncé também ilustra durante toda sua jornada o papel da cidade em sua vida, já que seus avós são originários desta. Põe então a prova de sua relação com a cidade e como é importante em sua conjuntura subjetiva. Também entendemos, ao decorrer do álbum, como a cidade tem um trabalho importante em sua diáspora para a cura do relacionamento quebrado.

As críticas não pararam em *Formation*, após o lançamento do álbum visual, a cantora continuou a receber opiniões contrárias sobre seu trabalho e seu significado. Uma das principais críticas, e que também foi usada constantemente nesta monografia como embasamento, é a escritora bell hooks. Não foi a partir de 2016 que ela começou a criticar a cantora, em 2014 num painel durante uma apresentação, a escritora acusa Beyoncé de ser “terrorista”<sup>42</sup> por suas performances sexualizadas demais e seu impacto na vida de meninas negras. Acredito ser interessante e agregador trazer a escritora que nos ajuda a entender e criticar nosso objeto de pesquisa.

Desde a escravidão, corpos negros tem sido mercantilizados até o presente, principalmente aqueles das mulheres negras. Para hooks, o apelo visual de *Lemonade*, do corpo sendo uma commodity é perpetuação desses costumes, não se configurando como radical ou revolucionária. A autora faz um contraponto dizendo:

É o amplo escopo da paisagem visual de *Lemonade* que a torna tão distinta – a construção de uma irmandade feminina negra poderosamente simbólica que resiste à invisibilidade, que se recusa a ficar em silêncio. Isso por si só não é pouca coisa – muda o olhar da cultura dominante branca. Desafia-nos a olhar de novo, a rever radicalmente a forma como vemos o corpo feminino negro (hooks, 2016).

A escritora completa dizendo que essa remodelação das construções imagéticas femininas não mudam completamente o modo sexista e convencional, que constrói as identidades femininas negras. Ao compactuar com a imagem

---

<sup>42</sup> Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=rJk0hNROvzs&t=1s&ab\\_channel=TheNewSchool](https://www.youtube.com/watch?v=rJk0hNROvzs&t=1s&ab_channel=TheNewSchool)> Acesso em: 22 jun. 2022

vitimista da mulher negra que a hegemonia branca força desde sempre, sua imensidão de corpos negros não conduzem à mudança necessária.

Outro ponto a se criticar é o uso da violência e da raiva, presentes nos primeiros capítulos da obra. Uma pura fantasia do poder feminino, enraizando que a violência vindo principalmente da traição e da mentira dói. Na teoria feminista vista anteriormente, o objetivo não é a igualdade em relação aos homens e seu sistema hierárquico, logo a violência feminina não é libertadora. Não é dessa forma que se constrói o amor-próprio ou toma-se o poder. Violência não cria uma mudança otimista.

A problemática de *Formation* em papel de teor feminista negro é, primeiramente, seu mensageiro. Beyoncé além de tudo, é uma marca, uma manufatura do capitalismo. Mesmo fixando o termo feminista nela, a cantora não se aprofundou nas questões, teve por sua escolha apenas performá-lo. É um feminismo da fantasia, onde não há interseção de classe, gênero e raça e sem ênfase em derrubar o meio de dominação. Nessa visão simplista, quem ganha é a mulher que pode ter a liberdade de se comportar como um homem e ser considerada poderosa, o que é irreal, pois quando falamos de homens e mulheres negros de classes populares, eles não possuem esse poder.

Todo o trabalho da mulher negra dentro de um relacionamento com homens patriarcais, de mudar, perdoar e reconciliar, será em vão se não houver mudança externa e interna vinda pelos homens, em virtude do fim da violência emocional contra a mulher negra. Não há indícios dessa mudança em *Lemonade*, é preciso entender que a mudança deve ser mútua.

Para finalizar sua crítica, bell hooks fala sobre liberdade e o que queremos para a sociedade, enquanto mulheres negras:

Para sermos verdadeiramente livres, devemos escolher além de simplesmente sobreviver à adversidade, devemos ousar criar vidas de bem-estar e alegria sustentados. Nesse mundo, fazer e beber limonada será um deleite fresco e picante, uma mistura da vida real do amargo e do doce, e não uma medida de nossa capacidade de suportar a dor, mas sim uma celebração de nossa superação da dor (hooks, 2016)

Não podemos negar o impacto de *Lemonade* nas mulheres negras e seu poder regenerador, *Formation* também veio para estimular poder aos negros e um chamado para ação, porém não deixamos de averiguar a probabilidade de essa não ser sua principal motivação.

O intuito não é ter um decreto final sobre a obra e seu teor feminista e antirracista. É sobre entender quem está nos representando, como está nos representando. Vimos nas teorias que é importante esse espelho na cultura popular mesmo que não seja do agrado de todos. Não devemos colocar em pedestais aquilo que é performático, que não condiz com a teoria feminista, devemos apontar os conceitos que possam ser aprofundados para podermos alcançar uma nova geração ativista.

## **Conclusão**

O que me motivou a escrever esse trabalho foram vários fatores, eu entrei nessa faculdade com um grande apreço à cultura pop e à mídia. Fui criada com cultura pop desde criança, sempre fui fã de algum artista. Agora foi tempo de entender essa indústria e como sou afetada pela mesma. Estava na hora também de deixar de ser objeto de pesquisa e falar das histórias da mulher negra por ela mesma, dentro de um ambiente acadêmico ainda elitizado e embranquecido.

Esse trabalho, assim como o *Lemonade*, foi uma jornada de autoconhecimento, com ajuda de bell hooks e Angela Davis me redescobri como mulher negra. Foi uma pesquisa que abriu meus horizontes, saio mudada e mais crítica ao que eu consumo.

Beyoncé é uma artista negra estadunidense, está colocada em um contexto completamente capitalista. O intuito desse trabalho não foi fazer um julgamento final sobre ela ser ou não feminista negra, se ela favorece ou atrapalha o movimento, assim como Stuart Hall explica, está tudo muito além dessa binaridade. Esse trabalho é tanto sobre eu como mulher negra, do que a Beyoncé em si. Aprendendo agora que também devo criticar o que eu consumo, não deixo de lado o fato do lançamento da música *Flawless*\*\*\* em 2013, ter me ajudado muito na construção feminista do meu subjetivo.

Nesta monografia apresentamos informações da carreira de Beyoncé como artista, entendemos sobre seu passado e o que foi necessário para que chegasse ao

estrelato. Foi debatido como o racismo impactou nesse processo e como a cantora driblou os obstáculos. Vimos sua construção identitária e seu caminho até assumir seu papel na luta feminista na indústria musical. Ela também nos mostrou seu lado mais sensível e como fez para se recuperar de uma traição enquanto dava ao povo afrodescendente novas formas de autoconhecimento e amor. Para entender como isso tudo nos impacta, foi preciso entender como nos identificamos e quem é nosso representante na cultura popular, um fator importante na nossa construção social. Terminando com a análise do maior hit do álbum, considerado um hino à negritude, recompondo todos os aspectos dessa monografia.

Ao longo deste trabalho, entendemos o quanto é difícil para uma mulher negra nos Estados Unidos se tornar uma grande estrela, como em todos os âmbitos temos que batalhar muito mais para conseguir o mínimo que uma pessoa branca, seja lá ou aqui no Brasil. “Sempre se mantendo graciosa”, pois um passo em falso perde-se tudo o que construiu e ainda deve-se lidar com questões pessoais. Não é de hoje as notícias de pais negros que põe seus filhos pequenos por grandes desafios para tornarem eles impecáveis, é um dos preços do racismo da sociedade para que um negro possa, algum dia, ser “bem-sucedido”.

A cantora percorreu um grande caminho até se sentir livremente para falar o que realmente importava a ela, sem ter que perder seu império. Sendo até vinculada a cultos religiosos, pois aparentemente não é possível uma mulher negra ter esse todo sucesso naturalmente, muitos rumores sobre quase todos os aspectos de sua vida até o momento, de não conceder mais entrevista em detrimento da sua narrativa, Beyoncé virou um mito.

Qual é o impacto de um artista desse na vida de milhares de pessoas negras? É de suma importância para esse trabalho entender como criamos nossa identidade, pois temos a possibilidade de sermos tantos e nunca um só. Uma identidade não inibe a outra, são complementos. Quando entendemos quem somos e quem nos ajuda a nos entender, percebemos que a cultura popular é uma das maiores forças para essa compreensão. Com a cultura popular somos vinculados em todos os lugares do mundo, nossa etnia é vista e celebrada. Logo entendemos que não é qualquer um que desejamos que esteja nesse palco representativo, deve ser alguém que seja legítimo e tenha discernimento de nossas dores e alegrias.

É compreensível que nesse mundo capitalista não seja fácil confiar nessas performances de nossas dores, porém ainda sim nossas histórias estão sendo

contadas para nunca serem esquecidas e por meio delas preparar um futuro melhor. É bem nítida a transformação de Beyoncé em seu discurso político e feminista negra, e posteriormente, em trabalhos futuros, veremos maior aprofundamento nessas questões. Há um longo caminho para se percorrer, muitas críticas a se fazer, mas inegavelmente seu trabalho teve impacto e possibilitou muito mais lugares para essa discussão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ezequias de Jesus de; RIGOTTI, Gabriela Fiorin; PEREIRA, Verena. Black Lives Matter, Beyoncé e o Marketing de Causa: uma análise da carreira da cantora e seus passos em prol da negritude. **Revista Iniciacom**, Intercom, v. 9, n. 2, 2020.
- DAVIS, Cienna. From Colorism to Conjurations: Tracing the Dust in Beyoncé's Lemonade. **Taboo** : The Journal of Culture and Education, [s. l.], v. 16, n. 2, Outono 2017.
- EVANS-WINTERS, Venus; ESPOSITO, Jennifer. Introduction to Lemonade: Black Womanhood, Identity, & Sexuality. **Taboo** : The Journal of Culture and Education, [s. l.], v. 16, n. 2, Outono 2017.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: Caminhos Abertos pela lei 10.639**. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HALL, Stuart. Que "negro" é esse na cultura negra?. In: SOVIK, Liv. **Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 335-349.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- MATEUS, Suzana Maria de Sousa. Feminismo encenado: narrativas do feminino em Beyoncé. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, p. 1-15, 9 set. 2017.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante Editora, 2019.
- HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. 2015, n. 16 [Acessado 28 Junho 2022], pp. 193-210. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>>. ISSN 0103-3352. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

NASCIMENTO, Samuel Conselheiro Germano do. BEYONCÉ IN FORMATION COM A DECOLONIALIDADE. **Revista Areia**, [s. l.], ed. 3, p. 159-168, 2020.

PEREIRA, Isabela Carias. Beyoncé e a construção da imagem de uma feminista negra. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 18-36, 2021.

SILVA, Glauber Paiva da. NOÇÕES DE IDENTIDADE DE STUART HALL E O DIÁLOGO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. **30 Simpósio de História**, Recife, p. 1-12, 2019.

WALLACE, Alicia. Close-Up: Beyoncé: Media and Cultural Icon: A Critical View of Beyoncé's "Formation". **Black Camera**, Indiana University Press, v. 9, n. 1, p. 189-196, 2017.

## Sites

ANTHUNES, Arthur. **Thread**. [S. l.], 28 out. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/anthunesarth/status/1188925244330958849?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ANTHUNES, Arthur. **Um guia completo sobre o "Lemonade" da Beyoncé**. Eolor, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistaeolor.com/post/um-guia-completo-do-lemonade-da-beyonc%C3%A9>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BEYHIVE, Site. **Beyoncé é capa da ELLE em janeiro e responde perguntas de fãs; confira a entrevista e fotos**. [S. l.], 9 dez. 2019. Disponível em: <https://www.beyhive.com.br/noticia/2019/12/entrevista-beyonce-elle-magazine-2020.html>. Acesso em: 18 maio 2022.

DAVIS, Angela. **Angela Davis sobre racismo, feminismo e Beyoncé**. [S. l.], 17 fev. 2016. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2016/02/17/angela-davis-sobre-racismo-feminismo-e-beyonce/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. *In: As mulheres negras na construção de uma nova utopia*. [S. l.], 12 jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

FERREIRA, Tiago. **BEYONCÉ, ?LEMONADE? E A CEGA COBRANÇA DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE**. [S. l.], 29 abr. 2016. Disponível em: <https://namiradogroove.com.br/blog/discussoestendencias/critica-beyonce-lemonade>. Acesso em: 18 maio 2022.

HOOKS, Bell. **Beyoncé's Lemonade is capitalist money-making at its best**. The Guardian, 11 maio de 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2016/may/11/capitalism-of-beyonce-lemonade-album>. Acesso em: 18 maio 2022.

INFANTE, EDUARDO. **Beyoncé: orgulho negro e lavagem de roupa suja do casamento em novo disco**. El País, 6 dez. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/cultura/1461574087\\_404631.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/cultura/1461574087_404631.html). Acesso em: 17 jun. 2021.

KELLY, Chris. **Lemonade: The hidden meanings buried in Beyoncé's filmic journey through grief**. [S. l.], 27 abr. 2016. Disponível em:

<https://www.factmag.com/2016/04/27/lemonade-beyonce-meaning-visual-album/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LEWIS, SHANTRELLE. **?Formation? Exploits New Orleans? Trauma**. [S. l.], 10 fev. 2016. Disponível em: <https://slate.com/human-interest/2016/02/beyonces-formation-exploits-new-orleans-trauma.html>. Acesso em: 18 maio 2022.

MOORE, Marcus J. **Beyonce's Lemonade, explained: an artistic triumph that's also an economic powerhouse**. Vox, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/4/28/11518702/lemonade-beyonce-explained>. Acesso em: 18 maio 2022.

RONALDO, Yuri. **Rolling Stone elege ?Lemonade?, de Beyoncé, como melhor álbum feminino do século 21**. [S. l.], 22 set. 2020. Disponível em: <https://hashtagpop.com.br/noticias/rolling-stone-elege-lemonade-de-beyonce-como-melhor-album-feminino-do-seculo-21/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SILVA, Daniel Neves. **Panteras Negras**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm>. Acesso em: 28 jun. 2022.

TEIXEIRA, Luciana. **Saiba do que Beyoncé fala em cada faixa de ?Lemonade?, seu álbum mais visceral**. Claudia, 25 abr. 2016. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/saiba-do-que-beyonce-fala-em-cada-faixa-de-lemonade-seu-album-mais-visceral/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

TERRA, Site. **Beyoncé: do início com Destiny's Child ao estrelato e a união com Jay-Z**. [S. l.], 21 jun. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/beyonce-do-inicio-com-destinys-child-ao-estrelato-e-a-uniao-com-jay-z,5d7321293476f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17 jun. 2021.

## Vídeos

CATANIA, Fernanda. **COMO BEYONCÉ SE TORNOU UMA DAS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO | Foquinha FBI**. [S. l.], 4 set. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1So7ULptmwg&t=2101s&ab\\_channel=Foquinha](https://www.youtube.com/watch?v=1So7ULptmwg&t=2101s&ab_channel=Foquinha). Acesso em: 28 abr. 2022.

BELL, Brittany; FURTADO, Frank. **How Beyoncé Made LEMONADE**. [S. l.], 29 maio 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=f5SxGTe\\_t4I&ab\\_channel=Middle8](https://www.youtube.com/watch?v=f5SxGTe_t4I&ab_channel=Middle8). Acesso em: 28 jun. 2022.

SNL, -. **"The Day Beyoncé Turned Black" - SNL**. [S. l.], 14 fev. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ociMBfkDG1w&t=138s&ab\\_channel=SaturdayNightLive](https://www.youtube.com/watch?v=ociMBfkDG1w&t=138s&ab_channel=SaturdayNightLive). Acesso em: 28 jun. 2022.

SANTIAGO, Spartakus. **O SIGNIFICADO DE FORMATION (Beyoncé - Lemonade) | Spartakus Santiago**. [S. l.], 12 maio 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0dUQY3JRry0&t=934s&ab\\_channel=spartakus](https://www.youtube.com/watch?v=0dUQY3JRry0&t=934s&ab_channel=spartakus). Acesso em: 28 jun. 2022.



## ANEXO

Figura 1: Capa do álbum visual *Lemonade* com Beyoncé e seu cabelo trançado



Figura 2: Beyoncé no VMA's de 2014 com *FEMINIST* escrito no telão



Figura 3: Primeira noite do Coachella, que Beyoncé foi a primeira mulher negra *headliner*

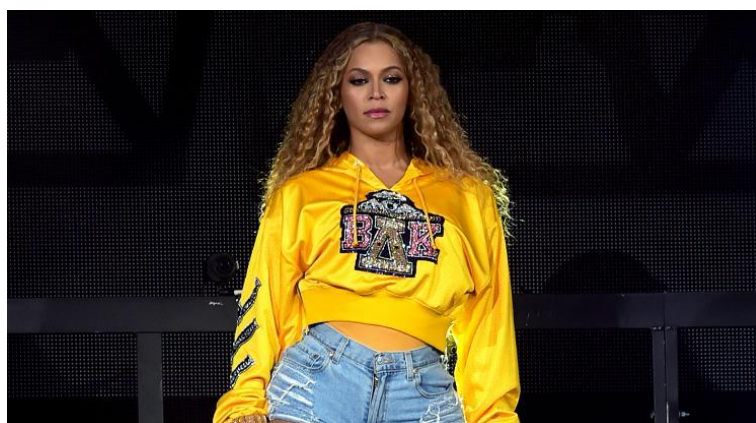


Figura 4: Beyoncé no palco de forma vulnerável em *Pray you catch me*



Figura 5: Momento do clipe de *Hold up*, no qual Beyoncé está vestida de Oxum



Figura 6: Imagem representativa da ira de Beyoncé em *Don't hurt yourself*



Figura 7: Nesse frame de *Sorry*, a cantora está trajada como uma rainha egípcia



Figura 8: Beyoncé vestida de noiva, a caminho da redenção em *6 Inch*



Figura 9: Beyoncé e uma figura paterna no clipe de *Daddy Lessons*





Figura 10: Beyoncé e as bailarinas representando o episódio do suicídio em massa de pessoas escravizadas em *Love Drought*

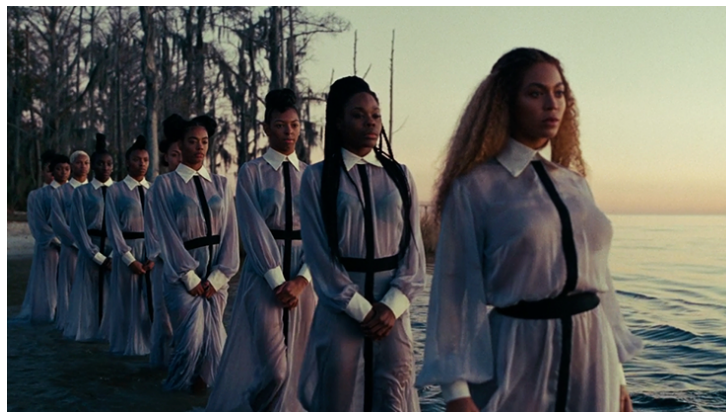


Figura 11: Cerâmica que representa o casamento consertado de Beyoncé em *Sandcastles*

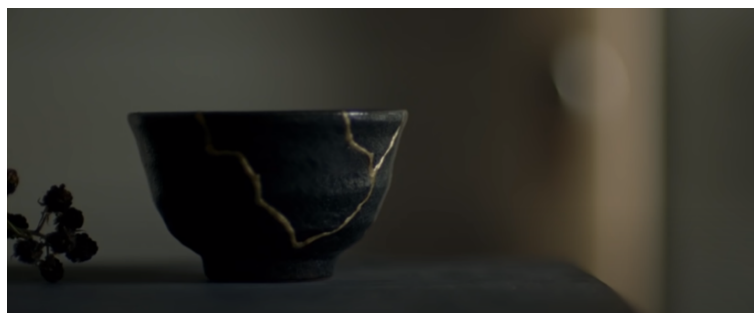


Figura 12: Mãe de um dos jovens mortos pela polícia estadunidense, no clipe de *Forward*



Figura 13: Utopia feminina criada por Beyoncé em *Freedom*



Figura 14: Beyoncé, Zendaya, Chloe e Halle Bailey, além de outras jovens mulheres, representando o apoio feminino entre mulheres negras na música *All Night*.



Figura 15: Beyoncé com pintura Yorubá



Figura 16: Beyoncé no clipe *Formation* representando a cultura de Nova Orleans



Figura 17: Beyoncé no *Super Bowl* de 2016 vestida como os Panteras Negras e Michael Jackson

